



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**RODOLFO MIGUEL FERNANDES COSTA ALBUQUERQUE**

**Ana Maria Javouhey: espiritualidade e missão**

Dissertação Final  
sob orientação de:  
Prof. Doutor António Abel Rodrigues Canavarro

**Porto**  
**2015**

## **Introdução**

A Beata Ana Maria Javouhey foi-me “apresentada” desde criança pelas irmãs de São José de Cluny. Fui então à procura de conhecer um pouco mais da sua história, deparando-me com alguns escritos que podem e devem constituir, para cada cristão, um manual para a edificação espiritual e de vivência da fé.

Ana Maria Javouhey fez da sua vida uma vida virtuosa, sempre em união a Cristo e à Sua Igreja, procurando, como veremos nesta dissertação, chamar para Deus todos quanto conseguisse.

Para melhor compreender a vivência espiritual e a actualidade de Ana Maria Javouhey este trabalho está dividido em três capítulos, concretamente: breve abordagem histórica e biografia de Ana Maria Javouhey, espiritualidade e apostolicidade, bem como a actualidade do seu carisma.

Falar de Ana Maria Javouhey, dá-la a conhecer, é uma tarefa difícil, dado a sua personalidade tão rica, a sua espiritualidade tão profunda e a sua acção tão vasta. Mas, ao mesmo tempo, é uma imensa alegria porque nos faz ter uma enorme gratidão pelo carisma que nos legou. A sua ampla visão é, a nosso ver, a maior das suas qualidades humanas e espirituais. A sua visão é tão grande como as dimensões do mundo, o que suscita as intenções mais espantosas e as iniciativas mais audazes. Porque descobriu a presença de Deus, numa busca incessante de conhecer e fazer a Sua vontade, sabe o que quer, por vezes em situações difíceis, porque descobre na oração o querer divino que a faz feliz e a leva a ‘estar em toda a parte onde há bem a fazer’, procurando dar a todos a dignidade de filhos de Deus.

Ana Maria Javouhey é um exemplo ou modelo de santidade, que pode parecer inimitável e, sobretudo, antiquado (viveu há mais de 200 anos), mas toda a sua vida, como vamos ver, foi de uma grande frescura, procurando viver o momento presente, compreendendo-o, actualizando-o. Como ela dizia, “é preciso ser do seu tempo” para O amar.

Creemos que para todo o crente, que deve dar a sua vocação no horizonte da missão, da doação e da entrega aos outros, Ana Maria Javouhey pode ser realmente uma referência modelar na disponibilidade amorosa, no estar ao serviço de quem precisa de ajuda, espiritual e humana. Porque dizemos isto? Porque Ana Maria Javouhey começou cedo, na infância e juventude, a sentir que Deus a chamava para dar a conhecer aos homens e mulheres, jovens e crianças do seu tempo, o amor de Deus por cada um. O ser e o estar disponível exige, evidentemente, muita fé para ultrapassar os sofrimentos, as incompreensões, as críticas (que tudo isto Ana Maria Javouhey conheceu e viveu), sem

nunca recuar perante os insucessos, as contradições, os cansaços e as dúvidas. E foi justamente como jovem de 17 ou 18 anos, porque a Revolução Francesa tinha varrido qualquer vestígio de vida religiosa, que se lançou quase no desconhecido, na aventura de anunciar Jesus Cristo, fazendo os outros felizes.

Assim, os acontecimentos da história e as correntes que por ela perpassam, influenciam e ajudam a determinar opções e vivências pessoais. Como tal, o primeiro capítulo é dedicado a uma breve exposição do que foi a história da Igreja do período do Iluminismo até meados do século XIX. Desta forma, poder-se-á ver que a envolvente social, cultural e histórica influenciou a vida e espiritualidade da irmã Ana Maria Javouhey. Além disto, faz-se uma síntese da sua vida, principalmente dos acontecimentos mais marcantes, desde o seu nascimento até à sua morte. Toda a sua vida ficou marcada por uma forte vivência cristã, de oração e caridade.

No segundo capítulo abordamos a sua espiritualidade. Desenvolvemos os seguintes temas: Fé, fidelidade à santa vontade de Deus, o dom do perdão, a oração e apelo à santidade. No fundo, tinha um coração que amava o Amor. Além destas dimensões tão importantes, destacamos o seu perfil apostólico onde a importância do testemunho, a pobreza e a alegria a caracterizavam e nos desafiam.

Por último, o terceiro capítulo tem como tema a actualidade do seu carisma. Sendo um carisma missionário, apresentamos alguns dos temas centrais da espiritualidade missionária. Hoje precisamos essencialmente de evangelizadores com espírito, como a audácia e firmeza de Ana Javouhey.

Para a elaboração desta dissertação recorreremos a algumas obras publicadas que procuram retratar a vida de Ana Javouhey, bem como as cartas que escreveu. Além deste material, recorreremos ainda a outras obras que abordam as temáticas em estudo. Em tudo isto contamos com a ajuda preciosa das Irmãs de São José de Cluny, pelo que lhes deixamos o nosso mais sincero agradecimento.

Esta dissertação tem como objectivo principal dar a conhecer uma personalidade nobre e marcante e mostrar um caso concreto de vivência da fé, de modo que cada pessoa possa fazer o seu próprio caminho espiritual nos dias de hoje. No ano da Vida Consagrada, este trabalho é também um pequeno e humilde contributo, onde verificamos que os consagrados e as consagradas têm um papel e uma importância fundamental na evangelização, vivendo na fidelidade e anúncio de Jesus Cristo.

## Capítulo I

### Breve abordagem histórica e biografia de Ana Maria Javouhey

Neste primeiro capítulo começa-se por abordar alguns elementos históricos, principalmente relacionados com a situação da Igreja nos finais do século XVIII e XIX. Estes elementos irão permitir contextualizar e perceber melhor a vida de Ana Maria Javouhey, bem como a sua vivência espiritual. Além disto, neste capítulo dá-se a conhecer alguns pormenores da sua vida.

#### 1. Breve abordagem histórica

Esta breve exposição tem como principal objectivo apresentar a situação em que se encontrava a Igreja neste período, ou seja, do Iluminismo até à Revolução de 1848, de uma forma muito sucinta. Assim, percebemos melhor em que situação histórica se desenvolveu a vida de Ana Maria Javouhey.

##### 1.1. O Iluminismo

Ao longo do século XVII e XVIII emerge na sociedade uma profunda crise de consciência europeia<sup>1</sup>. Esta crise de consciência deveu-se sobretudo ao ideário iluminista. O Iluminismo foi um movimento espiritual europeu, caracterizado pela confiança plena na razão. O seu pleno florescimento dá-se no século XVIII com, por exemplo, os franceses Voltaire, Rousseau, Hume e Kant. A Igreja teve algumas dificuldades em dialogar com este movimento e responder aos seus desafios. Este movimento propunha iluminar a mente dos homens para os libertar da ignorância difundidas e mantidas no povo por quem detinha a autoridade<sup>2</sup>. Podemos dizer que, no seu lado mais radical, o movimento das luzes opõe-se a todo o sistema de pensamento que aceite uma revelação divina. No fundo, o homem é a base do critério da verdade. «Com plena confiança nos próprios recursos, o iluminista está decidido a acabar com o obscurantismo do passado, abrindo novos caminhos na filosofia, na política, na economia, no direito, na moral e na religião»<sup>3</sup>.

É de salientar algumas características fundamentais do Iluminismo. A confiança absoluta na razão, sendo a norma única da verdade. Assim, razão e fé não se articulam. Confiança na natureza humana, sendo que o homem não careceria de salvação e poderia

---

<sup>1</sup> Cf. HAZARD, Paul – *La Crise de la Conscience Européenne (1680 – 1715)*. Paris: Boivin, 1935, p. 1.

<sup>2</sup> Cf. TOURAULT, Philippe – *História concisa da Igreja*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1996, pp. 244-246.

<sup>3</sup> MARTINA, Giacomo – *História da Igreja de Lutero a nossos dias. A era do absolutismo*. São Paulo: Loyola, 1996, vol. II, p. 262.

alcançar a felicidade por si próprio. Existe uma especial atenção à experiência e à observação. Outra característica fundamental é a recusa da tradição (ou desprezo do passado). Um optimismo assente na ideia de progresso das ciências e da técnica. Por último, um reformismo radical das estruturas políticas, económicas e religiosas.

Com o iluminismo surge, deste modo, uma crise entre fé e vida, entre razão e fé. Assim entre Iluminismo e Cristianismo surgem grandes divergências. O Iluminismo, no fundo, conduziu a uma secularização da sociedade, a uma descristianização. Apesar dos muitos aspectos negativos, o Iluminismo também teve um caminho construtivo, como a revalorização do homem, contudo não aceitava uma referência sobrenatural<sup>4</sup>.

## **1.2. A influência da Revolução Francesa**

No final do século XVIII ocorre a grande revolução que afectou toda a Europa. «A Revolução Francesa não foi de modo algum uma revolução satânica, instigada pela incredulidade em relação à religião, com a finalidade de destruir totalmente a Igreja; suas causas são mais amplas e complexas, políticas, sociais, económicas e somente em parte filosóficas e religiosas»<sup>5</sup>.

É interessante verificar que ao longo do século XVIII, em França, temos vários sinais positivos, contudo também se foram verificando alguns sinais de crise. Note-se, por exemplo, o declínio cada vez mais evidente do espírito religioso do clero paroquial e a crise interna que atingia globalmente os religiosos. É de realçar que as ordens religiosas não foram muito conturbadas pelos ideais iluministas e permaneceram generosamente dedicadas ao seu serviço. Contudo, com a Revolução Francesa foi proclamada a dissolução de todas as ordens e congregações religiosas. Foi imposto o calendário republicano que abolia, por exemplo, os Domingos. É nesta situação particularmente difícil que frades e freiras foram obrigados a fugir ou a esconderem-se e tiveram de arranjar estratégias para terem algum género de vida em comum<sup>6</sup>.

A França passava por uma profunda crise económica, sendo a principal razão os gastos exagerados da corte. Estes problemas económicos conduziram à convocação dos Estados Gerais. A estes sucede-lhe a Assembleia Constituinte, que teve a ousadia de fazer tudo para que o Estado dominasse a Igreja. Decidiu que todos os bens eclesiásticos passavam a estar à disposição da nação, mas também que o clero passava a ser

---

<sup>4</sup> Cf. MARTINA, Giacomo – *História da Igreja de Lutero a nossos dias. A era do absolutismo*, pp. 283-284.

<sup>5</sup> MARTINA, Giacomo – *História da Igreja de Lutero a nossos dias. A era do liberalismo*. São Paulo: Loyola, 1996, vol. III, p. 12.

<sup>6</sup> Cf. SANCHES, Acácio – *O carácter simbólico da vida consagrada. Aurora do Terceiro Milénio*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, [s. d.], p. 130.

assalariado do Estado<sup>7</sup>. A nação tomava também a seu cargo o apoio dos pobres. Note-se que depois do arresto feito aos bens da Igreja, seguiu-se a supressão das ordens religiosas, pois estas eram detentoras de um vasto património. A grande ruptura acontecerá com a *Constituição Civil do Clero* (1790) que define uma nova distribuição dos ofícios eclesiásticos e a obrigação de residência, por exemplo. Esta crise teve depois diversos momentos de maior e menor acalmia. Podemos considerar três períodos: Assembleia Legislativa, da Convenção e do Directório<sup>8</sup>.

Com a ascensão de Napoleão Bonaparte ao poder, houve uma nova deterioração das relações entre a Igreja e o Estado. Note-se que, em 1804, Napoleão proclama-se imperador. As guerras napoleónicas devastaram a França e a Europa, provocando uma miséria enorme, onde as crianças seriam as que mais sofriam. É neste contexto histórico que Ana Maria Javouhey responde, modesta mas concisamente, aos acontecimentos, criando orfanatos e aulas para as crianças pobres.

Neste sentido, podemos enumerar algumas das consequências da Revolução. Os aspectos positivos podem sintetizar-se à igualdade e à liberdade<sup>9</sup>. Os aspectos negativos resultam, no fundo, do optimismo iluminista que afirmava a incorruptibilidade da natureza humana, sempre disposta para a verdade e o bem. «Da exacerbação da igualdade se desenvolve assim o individualismo»<sup>10</sup>. Note-se que «o mito da igualdade e da liberdade não vinha prejudicar somente as classes menos favorecidas; ele acabava pondo em crise a autoridade do Estado e dando novo incremento ao laicismo do século XVIII»<sup>11</sup>. No espírito da Revolução as realidades humanas perderam as raízes cristãs, não havendo espaço para a fé, perdendo muitos bens a Igreja.

### **1.3. Século XIX: um século espiritualmente rico**

«Da Revolução Francesa ao período napoleónico (1789 – 1814) sucede um período de certa estabilidade política e social conhecido com o nome de Restauração»<sup>12</sup>. De facto, a queda de Napoleão Bonaparte ocasionou novas movimentações na política de equilíbrio europeu, que se concretizam no Congresso de Viena, marcando o início da restauração política. Neste período houve uma tentativa de regresso a uma sociedade

---

<sup>7</sup> Cf. TOURAULT, Philippe – *História concisa da Igreja*, p. 259.

<sup>8</sup> Cf. MARTINA, Giacomo – *História da Igreja de Lutero a nossos dias. A era do liberalismo*, pp. 14-17; TOURAULT, Philippe – *História concisa da Igreja*, p. 261.

<sup>9</sup> Cf. MARTINA, Giacomo – *História da Igreja de Lutero a nossos dias. A era do liberalismo*, p. 32.

<sup>10</sup> MARTINA, Giacomo – *História da Igreja de Lutero a nossos dias. A era do liberalismo*, p. 38.

<sup>11</sup> MARTINA, Giacomo – *História da Igreja de Lutero a nossos dias. A era do liberalismo*, p. 39.

<sup>12</sup> MAROTO, Daniel de Pablo – *Historia de la Espiritualidad*. Madrid: Instituto de Espiritualidad a distancia agregado al Teresianum de Roma, 1986, vol. 10, p. 271.

oficialmente cristã. Foi, igualmente, entendido como uma oportunidade de renovação eclesial.

Temos de admitir que, na teoria, houve uma tentativa de regresso ao *Ancien Regime*, como se nada se tivesse passado na Europa entre 1789 e 1815; contudo era impossível fazê-lo. Em França, o período da restauração durará até 1830.

Ao nível religioso, podemos sintetizar as seguintes características: censura dos livros; a promoção duma pastoral severa, em que as autoridades eclesiásticas centravam uma vigilância rígida sobre a moralidade individual e publica. Houve também um sério esforço de renovação eclesial com a promoção da vida religiosa, tendo havido a criação de inúmeros institutos religiosos femininos e masculinos de vida activa. «A situação do clero secular, embora apresente um extraordinário progresso em relação ao do *ancien regime*, oferece características bastante diferentes na América e no velho continente»<sup>13</sup>. Na Europa, é verdade que diminuiu a quantidade do clero, mas melhora a qualidade, desaparecendo «a distinção típica do *ancien regime*, entre padres de missa e padres de confissão»<sup>14</sup>. Esta qualidade deveu-se, sobretudo, ao desenvolvimento da formação nos seminários, com uma atenção redobrada à vida interior dos presbíteros, fidelidade à hierarquia e valorização da acção pastoral (devoções, pregações...). «O trabalho pastoral torna-se gradualmente mais puro e mais respeitoso da dignidade da pessoa humana»<sup>15</sup>.

Houve, igualmente, neste período, um grande desenvolvimento do apostolado dos leigos. «O ingresso dos leigos na luta pela defesa dos direitos da Igreja é paralelo ao irromper da mulher na vida consagrada activa e constitui um dos traços marcantes da vida do povo de Deus no período posterior à Revolução Francesa»<sup>16</sup>.

A acção missionária *ad gentes* ganhou um relevo impressionante nesta época. Este relançamento missionário deveu-se principalmente às novas explorações, realizadas sobretudo em África.

A Europa tinha muitos preconceitos com África, contaminados sobretudo pelo tráfico de escravos. Havia diversos condicionamentos, pois África era um continente de difícil penetração; tinha um grande domínio muçulmano, sobretudo a norte; havia uma grande mentalidade racista (note-se o problema do tráfico dos escravos).

Houve diversos protagonistas neste florescimento missionário oitocentista. Destaco Ana Maria Javouhey, fundadora das irmãs de São José de Cluny. As suas

---

<sup>13</sup> MARTINA, Giacomo – *História da Igreja de Lutero a nossos dias. A era do liberalismo*, p. 118.

<sup>14</sup> MARTINA, Giacomo – *História da Igreja de Lutero a nossos dias. A era do liberalismo*, p. 119.

<sup>15</sup> MARTINA, Giacomo – *História da Igreja de Lutero a nossos dias. A era do liberalismo*, p. 125.

<sup>16</sup> MARTINA, Giacomo – *História da Igreja de Lutero a nossos dias. A era do liberalismo*, pp. 127-128.

fundações marcaram presença na Guiana e nas Antilhas, no Senegal, Serra Leoa e outros lugares da África Ocidental, bem como nas ilhas da Reunião e em Madagascar. No ano de 1840, foram ordenados os primeiros três padres africanos educados pela Madre Javouhey, emergindo a ideia da fundação dum instituto sacerdotal consagrado à evangelização das populações negras de África e América<sup>17</sup>.

Também neste século deu-se um aumento dum espiritualidade sentimental e dum devoção popular. Esta devoção centrava-se na pessoa de Jesus Cristo (cristocentrismo), no culto dos santos, destacando a devoção a São José<sup>18</sup> e à Virgem Maria<sup>19</sup>. Surge também a veneração de relíquias, procissões, peregrinações e uma grande devoção ao Sagrado Coração de Jesus.

É de realçar que, neste tempo, houve uma marginalização progressiva da Santa Sé. Apesar desta secundarização política do papado a nível internacional, foi-se reafirmando o primado pontifício<sup>20</sup>. Apesar disto, em muitos ambientes, durante a restauração, houve um desenvolvimento dum mentalidade anticlerical.

Em suma, o século XIX é um dos espiritualmente mais ricos, apesar de termos poucos estudos desenvolvidos. É um século de místicos e de santos. Trata-se de uma mística e de uma santidade que se realizam muito mais na acção, nas obras e na vida do que nos escritos. São exemplos de uma santidade autêntica. Era preciso agir, dado a descristianização cada vez mais crescente.

É interessante constatar que a recristianização da França no século XIX é obra principalmente do povo e do baixo clero. Como tal, surgem muitas congregações e associações religiosas que ajudavam nas necessidades mais urgentes da sociedade<sup>21</sup>. No fundo, «se o que caracteriza o século XVIII é a perseguição às Ordens Religiosas, o século XIX é marcado pelo florescimento. Depressa a cultura e a arte manifestam um fervoroso e apaixonado retorno aos ideais da Idade Média. É o Romantismo»<sup>22</sup>. O Romantismo é um movimento cultural complexo:

---

<sup>17</sup> Cf. FERNANDES, Fidel González – L' attività missionaria in Africa tra Ottocento e Novecento, in *Il cammino dell' Evangelizzazione. Problemi storiografici*, dir. Giacomo Martina – Ugo Dovere, Bologna: Il Molinu, 2001, p. 232.

<sup>18</sup> A devoção a São José é muito importante para a vivência espiritual de Ana Maria Javouhey. São José foi proclamado patrono da Igreja Universal em 1870 pelo Papa Pio IX.

<sup>19</sup> O dogma da Imaculada Conceição foi definido em 1854 por Pio IX, reforçando a devoção a Nossa Senhora (Cf. TOURAULT, Philippe – *História concisa da Igreja*, p. 280).

<sup>20</sup> No Concílio Vaticano I (1869- 70) afirmou-se dogmaticamente a infalibilidade papal (Cf. MARTINA, Giacomo – *História da Igreja de Lutero a nossos dias. A era do liberalismo*, pp. 279-280).

<sup>21</sup> Cf. MARTINA, Giacomo – *História da Igreja de Lutero a nossos dias. A era do liberalismo*, p. 141.

<sup>22</sup> SANCHES, Acácio – *O carácter simbólico da vida consagrada. Aurora do Terceiro Milénio*, pp. 130-131.

«Nasceu como reacção ao racionalismo do século XVIII e com intuito equilibrador depois da Revolução, actua também como movimento restauracionista na vida religiosa e espiritual da Europa, e como uma rejeição do pensamento e rigorismo jansenista. Os românticos sonhavam com um passado glorioso, com a Idade Média cristã; defendiam uma religião subjectiva e cheia de sentimento, de afectividade; são amantes da arte, da estética, e por isso mesmo do culto grandioso... O romanticismo cristão criou também grandes obras literárias e uma mentalidade com incidências no religioso que perdurou durante todo o século XIX. Autores influentes foram: Chateaubriand, De Maistre, Novalis, Lamennais»<sup>23</sup>.

Em jeito de conclusão, destacam-se como características fundamentais as missões estrangeiras e o apostolado da educação nesta fase. Note-se o caso concreto de Ana Maria Javouhey. Uma mulher com uma personalidade riquíssima que actuou no século XIX de uma forma invulgar, principalmente no âmbito missionário. Trata-se da grande revolução do século, a caridade entendida no meio do mundo, sendo a pauta para os novos modelos de santidade<sup>24</sup>. Apesar disto, o laicismo é uma realidade bem presente na sociedade francesa de oitocentos.

#### **1.4. A influência das revoluções de 1830 e 1848**

As revoluções de 1830 e de 1848 iniciaram-se em França. Depressa se estenderam por toda a Europa. Apesar de 1830 não representar um momento de transição tão importante como 1789, 1815 ou 1848, merece ser referenciado. A revolução de Julho de 1830, em França, inaugura o triunfo da burguesia e do sistema parlamentar sobre os vãos empenhos da restauração do *ancien regime* neste país, suscitando na Europa uma série de reacções<sup>25</sup>.

Sem dúvida que o impulso para estas duas revoluções provieram do liberalismo, mas também de certos movimentos democráticos, do anarquismo e do socialismo.

O liberalismo, no fundo, é uma ideologia da classe burguesa que não aceitava a derrota da grande revolução de 1789. É um movimento social, político, económico e religioso, onde a autonomia da razão e o princípio de liberdade estendida a todos os campos prevalecia.

---

<sup>23</sup> MAROTO, Daniel de Pablo – *Historia de la Espiritualidad*, pp. 273-274.

<sup>24</sup> Cf. MAROTO, Daniel de Pablo – *El camino Cristiano. Manual de Teología Espiritual*. Salamanca: Publicaciones universidad Pontificia, 1996, p. 111.

<sup>25</sup> Cf. AUBERT, Roger – Gregorio XVI, in *Manual de historia de la Iglesia. La Iglesia entre la Revolución y la Restauración*, VII, dir. Hubert Jedin - Barcelona: Editorial Herder, 1978, p. 422.

Com o liberalismo temos uma separação entre Estado – Igreja. A religião passava a ser de âmbito individual, sendo que o Estado controlava a Igreja para que não tivesse qualquer protagonismo na sociedade a nível social. A origem da sociedade e da autoridade seria puramente humana e convencional. Temos uma separação entre leis canónicas e leis civis. O Estado tenta apoderar-se das actividades exercidas pela Igreja, como as obras de caridade. Trata-se do fim das imunidades e privilégios que o espírito liberal e revolucionário fez com que fossem ainda mais hostis.

No meio deste período bastante conturbado, desenvolveu-se entre os católicos uma dupla tendência: «de um lado, temos os intransigentes (na França da Restauração, chamados de ultras, ou seja, mais realistas que o rei), de outro lado, os católicos liberais»<sup>26</sup>. O Papa Gregório XVI morre a 1 de Julho de 1846, sucedendo-lhe Pio IX. Ambos os pontificados caracterizam-se pelos debates entre católicos liberais e católicos integristas.

«Para o clero francês – a excepção do pouco numeroso grupo de partidários de Lamennais - causou consternação a revolução de Julho de 1830 que, no lugar da aliança do trono e do altar, tão vantajosa para o clero, proporcionou um regime, em que predominava o influxo da burguesia anticlerical e liberal»<sup>27</sup>.

A revolução de 1848 causou aos católicos franceses um problema um pouco mais grave que o da mera aceitação da república, sendo o seu carácter socialista o que inquietava grande parte dos católicos, sobretudo nas zonas rurais e na pequena burguesia. Havia também alguns pequenos círculos que ficaram sensíveis aos problemas do mundo dos trabalhadores. Eram propícios às tendências sociais da jovem república. Alguns clérigos e seculares, como Ozanam, Lacordaire e Maret, estavam dispostos a apoiá-las fundando o periódico *L'Ère nouvelle*. Este destinava-se a defender os princípios de 1789 e o ideal republicano, mas também diversas reformas sociais que naquele tempo todavia pareciam demasiado audazes<sup>28</sup>.

Luís Napoleão Bonaparte conseguiu chegar ao poder com o apoio dos monárquicos de toda a espécie, que estavam unidos aos católicos. Torna-se Presidente da República da França a 10 de Dezembro de 1848. A Igreja, no fundo, vê-se arrastada

---

<sup>26</sup> MARTINA, Giacomo – *História da Igreja de Lutero a nossos dias. A era do liberalismo*, p. 149.

<sup>27</sup> AUBERT, Roger – La pervivencia del liberalismo católico en Europa Occidental, in *Manual de historia de la Iglesia. La Iglesia entre la Revolución y la Restauración*, VII, dir. Hubert Jedin - Barcelona: Editorial Herder, 1978, pp. 469-470.

<sup>28</sup> Cf. AUBERT, Roger – Repercusión de los sucesos de 1848 en Francia, in *Manual de historia de la Iglesia. La Iglesia entre la Revolución y la Restauración*, VII, dir. Hubert Jedin - Barcelona: Editorial Herder, 1978, pp. 641-642.

para uma aliança com a burguesia, muito mais prejudicial em relação às pessoas do que a Aliança política sob a Restauração. Na prática, os católicos seriam sobretudo conservadores e monárquicos para defesa da ordem, da família e da propriedade.

Com um medo crescente do socialismo, em 1850, criou-se um pacto com os católicos sobre a educação. Esta lei será importantíssima para o futuro da sociedade francesa. Trata-se da Lei Falloux. «Conseguiu uma reforma global do ensino oficial e privado, a partir de dois princípios: a liberdade do ensino privado, que acarretou algumas condições muito benéficas para as escolas da Igreja, e a influência da Igreja no ensino do Estado»<sup>29</sup>.

---

<sup>29</sup> AUBERT, Roger – Repercusión de los sucesos de 1848 en Francia, in *Manual de historia de la Iglesia. La Iglesia entre la Revolución y la Restauración*, VII, dir. Hubert Jedin - Barcelona: Editorial Herder, 1978, p. 645.

## 2. Biografia de Ana Maria Javouhey

Neste ponto, abordo alguns pormenores da vida da Madre Ana Maria Javouhey, assim como a obra que legou, permitindo compreender a sua vivência espiritual.

### 2.1. Os primeiros anos, em Chamblanc

Foi na aldeia de Chamblanc que Ana Maria Javouhey nasceu a 10 de Novembro de 1779. Era uma aldeia rústica. A sua família dedicava-se principalmente à agricultura e tinha uma grande confiança em Deus (viveu num ambiente profundamente cristão).

O pai de Ana Maria, Baltazar Javouhey, «tinha a reputação de um homem para quem o trabalho da terra, o amor da família e a glória de Deus andam sempre a par»<sup>30</sup>. Era um homem de carácter inflexível e honrado. A esposa de Baltazar era extremamente trabalhadora e empenhada no seio familiar. Ajudava muito os pobres que, por vezes, se dirigiam a sua casa.

Ana Maria Javouhey era a quinta filha duma família de dez. «Dois morreram de tenra idade: Baltazar e Claudina. Os Javouhey perderão ainda dois filhos: Joana e João Baptista. Ficar-lhes-ão Estêvão, Pedro, Ana Maria, a quem tratavam por Nanette, Pierrette, Maria Francisca e Claudina»<sup>31</sup>.

No dia seguinte ao seu nascimento, Ana Maria foi baptizada na Igreja paroquial de Seurre. Aos sete anos era já uma menina que ajudava os pais na vida de casa, sendo muito alegre e cheia de vida.

No tempo da adolescência estava muito voltada para a dissipação e vaidade.

«As pessoas daquele tempo que a conheciam diziam que a apaixonavam os divertimentos e que gostava muito de dançar; amava os enfeites, gosto que as relativas posses do pai e a sua condescendência para com a filha, lhe permitiam satisfazer. Não faltava a nenhuma festa da aldeia nem a reunião da família, porque apesar dos tempos serem maus, aproveitavam-se os mais pequenos indícios de tranquilidade para se alegrarem e divertirem»<sup>32</sup>.

Ana Maria Javouhey foi uma adolescente que viveu nos tempos da Revolução Francesa. Realce-se que «no final do século XVIII a Borgonha, como muitas outras

---

<sup>30</sup> MERLAUD, André – *Génio e Audácia. Ana Maria Javouhey. Vida e obra de uma grande Missionária*. Braga: Editorial A. O., 2009, p. 6.

<sup>31</sup> MERLAUD, André – *Génio e Audácia. Ana Maria Javouhey. Vida e obra de uma grande Missionária*, p. 8.

<sup>32</sup> *Anais Históricos da Congregação de São José de Cluny*, Vol. I, p. 6.

regiões de França, sofre os distúrbios da Revolução. As Igrejas são encerradas, os padres proscritos, e é arriscado afirmar-se cristão»<sup>33</sup>.

Houve um sacerdote que teve uma grande influência na conversão de Ana Javouhey: o Padre Ballanche. Este padre era muito bem acolhido na família Javouhey. Era um verdadeiro sacerdote de Jesus Cristo que não temia, no contexto de perseguição religiosa, a sua vida. Ana Javouhey chegou a ser um grande apoio para garantir a segurança do padre Balanche, enquanto celebrava Eucaristia.

Aos poucos foi amadurecendo os seus projectos de vocação. A sua dedicação ia aumentando na medida em que o seu amor por Jesus Cristo era maior e se tomava dum verdadeiro zelo pela salvação das almas.

«Cada vez mais ela vela para que as pessoas em perigo de morte, não morram sem confissão e sem receber os últimos sacramentos. Facilitava a presença do padre Balanche junto deles ou de outros padres católicos a quem prodigalizava todos os serviços que lhe ditavam o seu bom senso e coragem, porque embora se estivesse já em 1798, a perseguição tinha reacendido»<sup>34</sup>.

Chegou a oferecer-se para ensinar a rezar e dar catequese às crianças e aos jovens. «Ela reunia o seu pequeno auditório em todos os lugares que podia, algumas vezes mesmo nas herdades mais afastadas ou nas florestas, ao cair da noite, para que por meio destas mudanças se evitasse despertar as suspeitas dos partidários da Revolução»<sup>35</sup>. A jovem afirma, assim, a sua personalidade e a sua vocação.

## **2.2. As lutas pela vocação**

Ana Javouhey concebeu o desejo firme de se consagrar ao Senhor, cuidando daqueles que mais sofrem e educando as crianças e os jovens. Contudo, tinha a oposição do seu pai, pois tinha posto grandes esperanças na sua filha. A propósito, Ana escreveu-lhe uma carta, datada de 1798:

«Creia que toda a sua oposição nunca ma fará perder a coragem. Estou convencida que só se me arrancarem o coração me poderão tirar este desejo (...) Prometi a Deus dedicar-me

---

<sup>33</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, p. 5.

<sup>34</sup> *Anais Históricos da Congregação de São José de Cluny*, Vol. I, p. 16.

<sup>35</sup> *Anais Históricos da Congregação de São José de Cluny*, Vol. I, p. 17.

totalmente ao serviço dos doentes e à educação das crianças. Escolhi o dia de São Martinho, dia do meu nascimento<sup>36</sup>, para dar este grande passo (...)»<sup>37</sup>.

Ana Javouhey tinha 19 anos quando se consagrou a Deus. Contudo, apesar de o pai ter estado na consagração da sua filha, não aceitava esse facto, ou melhor, poderá não ter percebido o alcance do passo que a sua filha deu. Como tal, teve a intenção de a empregar na direcção dos trabalhos de uma herdade que possuía em Pluvot, a alguns quilómetros de Chamblanc. Apesar disto, pelo seu bom carácter não se opôs à filha.

Podemos dizer que a sua obra começou, no dia que fez a sua consagração.

«O seu exemplo fazia grande impressão às irmãs que já subjugadas pelo ascendente do seu espírito e do seu carácter e nascidas aliás com as melhores disposições para a virtude e a piedade, a seguiram e se tornaram as suas primeiras discípulas. À volta deste pequeno núcleo privilegiado congregaram-se algumas piedosas companheiras e empregadas da casa que, recebendo todas o impulso e a orientação de Ana Javouhey se esforçaram por lhe seguir os passos»<sup>38</sup>.

Todas as irmãs viviam de forma comunitária, guardavam silêncio e rezavam. Inspiravam-se nos hábitos e na disciplina de vida religiosa. Ana Javouhey continuava a praticar as boas obras, reunindo à sua volta as crianças da aldeia, instruindo-as e evangelizando. Para o seu pai não a incomodar, retirava-se muitas vezes para casa de seu irmão Estêvão.

Contudo, esta situação não iria perdurar por muito tempo. Influenciada pelo Padre Rapin, entra para a Comunidade Religiosa de Besançon no ano de 1800. Depois de um retiro nesta comunidade manifesta uma grande alegria à família:

«Nesta mansão de paz estou rodeada apenas de bons exemplos; a virtude é conhecida e praticada em toda a sua pureza, e são banidas as máximas do mundo. Que poderei dizer-lhes? É um paraíso na terra. Todos os dias nos propomos morrer para nós mesmas, e arrancar os defeitos substituindo-os por virtudes (...) Creio conhecer a vontade de Deus melhor do que nunca: as minhas disposições não mudaram; pelo contrário só se intensificaram e aperfeiçoaram»<sup>39</sup>.

---

<sup>36</sup> Ana Javouhey considerou sempre o dia do seu baptizado, 11 de Novembro, como o verdadeiro dia do seu nascimento.

<sup>37</sup> *Ana Maria Javouhey. Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, pp. 45-46.

<sup>38</sup> *Anais Históricos da Congregação de São José de Cluny*, Vol. I, p. 34.

<sup>39</sup> *Ana Maria Javouhey. Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, p. 50.

Depois deste grande entusiasmo, Ana começa a ter algumas inquietações interiores regressando a Chamblanc. Tinha como principal intenção dedicar-se às obras de caridade. Fixa-se em Seurre, juntamente com a sua irmã Maria, desta vez com o apoio do pai.

Contudo, as dificuldades eram cada vez maiores a nível económico. Mal tinham dinheiro para as necessidades elementares, pois o número de pessoas ao cuidado de Ana Javouhey aumentava. O descontentamento dos pais era evidente.

No ano de 1802 começou a encontrar-se com o Padre de Lestrange. Este aconselha-a a sair de Chamblanc e a ir para Dôle juntamente com algumas das suas irmãs. Contudo, irá para a Trapa de Valsainte, na Suíça. Aí experimenta a vida monacal e sente que estaria chamada a outra missão.

Deixa a Trapa com uma sede crescente de Deus e vai para Choisey. Aí retoma o seu apostolado: acolhimento das órfãs, ensino gratuito e evangelização. Teve contratempos sucessivos. A pobreza e a miséria era enorme. Apesar das dificuldades não desanimava nem desistia. O Sr. Javouhey e a sua esposa tinham permitido que a sua filha mais nova se juntasse à irmã mais velha para não a deixar só. Em Choisey, juntaram-se ainda a Ana Javouhey três jovens para serem suas cooperadoras e se prepararem para a vida religiosa.

Apesar de tudo, esta etapa não ficaria por aqui. Ana Javouhey regressará por uma última vez a Chamblanc. O seu pai mandou construir no pátio da casa um edifício que se destinava a uma escola para crianças e também reuniões semanais de jovens. A partir daqui o pai apoiará a filha em todas as suas aventuras. Ana Javouhey dirige uma carta ao Bispo de Dijon para lhe pedir autorização para abrir uma comunidade na sua Diocese. Mas o bispo achava muito prematuro o assunto, não dando autorização inicialmente.

O Papa Pio VII numa viagem que realizara a França parou em Chalon sur Saône. Ana Javouhey ao saber desta notícia pediu logo ao pai autorização para ir com as suas irmãs ver o Papa. Tiveram a honra de terem sido apresentadas a Pio VII por Dom de Fontagnes. Pio VII encorajou e convidou a prosseguirem com a obra que tencionavam fundar.

Outras jovens começam a juntar-se às quatro irmãs Javouhey, mas Ana Javouhey começa a inquietar-se, pois precisava de definir a regra e descobrir o caminho a seguir. Numa carta escrita a Dom Agostinho de Lestrange refere o seguinte:

«Há algumas companheiras que desejam juntar-se a nós, mas eu gostaria de saber de V. Ex<sup>a</sup> Reverendíssima que pensa deste assunto; enquanto espero, irei vê-las de quando em quando para que se mantenham nas suas boas disposições (...) Gostaria muito, até antes de mais nada, de ter um regulamento baseado na Regra que me deu (...)»<sup>40</sup>.

Nesta carta é notório que seria importante estabelecer uma regra. Como tal, decide ir falar com o bispo de Autun, Dom de Fontagnes, para lhe dar a conhecer o ponto da situação. A pedido deste, redige uma regra de vida religiosa. Satisfeito, o prelado diz-lhe que não mudará nada.

Instalam-se em Cidadela (Chalon) e aí prepararam-se para abraçar o estado religioso que tanto desejavam. Continuaram a dedicar-se ao ensino. Ana Javouhey estabelece desde logo boas relações com as autoridades civis de Chalon, que imediatamente a ajudam na sua árdua tarefa, fornecendo diversos materiais e colocando à disposição o seminário diocesano que se encontrava vazio. Numa carta dirigida aos pais, no início do ano de 1806, refere o seguinte:

«O Sr. Presidente da Câmara acaba de nos mandar cinquenta camas de madeira com os respectivos enxergões, com estantes, todas as mesas e bancos que precisávamos, e mais coisas ainda. Segunda Feira começaremos a dar aulas no Seminário; as minhas irmãs e o meu irmão estão muito contentes (...)»<sup>41</sup>.

No início deste mesmo ano, inesperadamente, morre Dom de Fontagnes (26 de Janeiro de 1806). Sucede-lhe Dom Imberties, incitando Ana a solicitar estatutos para a sociedade nascente. Escreverá depois aos pais a anunciar a grande alegria. Nesta carta diz o seguinte:

«Meus queridos pais. É com profunda alegria que hoje escrevo para lhes dizer que fomos aprovados pelo Governo. Recebemos o decreto imperial a 27 de Janeiro com uma carta do Ministro dos Cultos e outra do Sr. Bispo de Autun. Que felicidade e que consolação para nós! Finalmente somos religiosas! Em breve usaremos um hábito que nos distinguirá do mundo (...)»<sup>42</sup>.

A 12 de Maio de 1807, na igreja de São Pedro de Chalon, decorreu a celebração da Tomada de Hábito e Profissões. Foi presidida por D. Imberties que, à tarde, esteve

---

<sup>40</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, p. 60.

<sup>41</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, pp. 65-66.

<sup>42</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, pp. 67-68.

igualmente presente na reunião ou assembleia da nova Sociedade (Associação Religiosa de São José) para a eleição da Superiora Geral. Esta data marcou o começo da Congregação. As quatro irmãs Javouhey serão a partir de então, as Irmãs Ana Maria (a Superiora), Maria Teresa, Maria José e Rosália.

### **2.3. O início da Congregação**

O início da Congregação não foi fácil e manifestou, muitas vezes, um futuro incerto. A venerada Madre começa por se centrar essencialmente na ajuda ao próximo através dos orfanatos, das escolas e dos pequenos internatos que ia abrindo sucessivamente.

Logo que a Congregação começou, a Reverenda Madre apressou-se a consagrá-la ao Sagrado Coração de Jesus. Note-se que o Instituto já tinha como protectores São Martinho, Santa Teresa e São José por padroeiro<sup>43</sup>. Depois do acto memorável de 12 de Maio de 1807, quando chegou a festa do Sagrado Coração de Jesus no dia 6 de Junho, a Madre fundadora quis que fosse celebrada solenemente a festividade na capela da comunidade.

A obra de Ana Javouhey consistia apenas naquele tempo nas duas casas de Chamblanc e Chalon, mas não tardou a estender-se à sede da Diocese, nomeadamente Autun. A sua obra encontraria aí mais meios para se organizar. Ora, as disposições favoráveis das autoridades eclesiástica e civil, permitiram a Ana Javouhey obter em Autun a posse provisória do antigo Seminário Maior Diocesano<sup>44</sup>. Contudo, a administração local não previa que o Governo levantasse objecções a esta cedência provisória. Este assunto obrigou Ana Javouhey a deslocar-se a Paris algumas vezes.

Logo que a Sociedade tinha começado a assentar as suas bases, ainda que incertas, o seu aparecimento pareceu inquietar as principais figuras governamentais. Chega mesmo a receber uma carta, dirigida a Dom Imberties, vinda do Gabinete do Ministro dos Cultos. Depois de Ana Javouhey saber desta carta, escreve uma longa carta ao Chefe de gabinete do Ministério dos Cultos para dar conhecimento do caminho feito até ao presente:

---

<sup>43</sup> A 20 de Agosto de 1806 (dia de São Bernardo) inaugurou-se uma pequena Capela ou oratório onde a pequena comunidade se podia juntar a rezar em São Pedro de Chalon. O pároco (Padre Ollivier), minutos antes de iniciar a Celebração, pergunta a Ana Javouhey qual o padroeiro que tinha escolhido para a sua capela, desafiando-a a escolher São José que aceita sem hesitar. A partir daqui começaram a chamar-lhes Filhas de São José. Rapidamente o nome da capela estendeu-se à pequena comunidade (Cf. MERLAUD, André – *Génio e Audácia. Ana Maria Javouhey. Vida e obra de uma grande Missionária*, pp. 89-90).

<sup>44</sup> Com a Revolução este Seminário tinha sido tomado à diocese, mas o edifício não tinha sido vendido e continuava desocupado.

«O Senhor Ministro dos Cultos acaba de enviar ao Sr. Bispo uma carta particular em que lhe pede uma informação, a nível interno e externo, da nossa Congregação (...). Venho expor resumidamente, o princípio, o desenvolvimento, enfim a Regra que seguimos para que V. Ex<sup>a</sup> possa confidencialmente informar o Sr. Ministro e conversar com ele sobre este assunto (...)»<sup>45</sup>.

A sua diligência em Paris fez com que pudesse usufruir do Seminário Maior de Autun por três anos. Como o edifício estava em avançado estado de degradação realizou as obras necessárias. As dificuldades económicas, aos poucos, foram aumentando, precisando da ajuda do seu pai.

Passados três anos, deixa o Seminário de Autun e a Irmã Ana Maria procura uma nova residência, desta vez em Cluny. Neste lugar o convento dos Recoletos estava desocupado, sendo óptimo para as irmãs. Aqui inicia-se o noviciado. «Daí em diante, o nome prestigioso de Cluny ia juntar-se, pela força das circunstâncias, ao nome primitivo da Comunidade. A Congregação das Irmãs de São José de Cluny tinha encontrado a sua identidade»<sup>46</sup>.

Em Paris procura caminhos novos. O Instituto aos poucos consolidava as suas bases. Os primeiros tempos em Paris foram duma extrema pobreza. Depois de contactar com a realidade local, abriu uma escola. Sempre tiveram grande preocupação em ensinar as crianças mais pobres. A 12 de Setembro de 1816, a Sociedade para a Instrução Elementar apresenta-lhe os seus agradecimentos pelo sucesso do método de ensino que implantou.

## **2.4. As viagens missionárias**

M. Desbassyns de Richemont, intendente da ilha Bourbon, descobre os talentos de educadora de Ana Maria Javouhey, convidando as Irmãs de São José de Cluny para formar a juventude da ilha. Nesta altura, a França alargava os seus territórios coloniais. Para facilitar, o Sr. Desbassynes pensou ser seu dever tratar esta questão com o Governo.

A Reverenda Madre aceita o desafio e descobre deste modo que é chamada a evangelizar povos distantes. A 10 de Janeiro de 1817, cinco Irmãs embarcaram no navio do Estado. Ana Javouhey gostaria de ter partido com elas. Era o seu instinto materno e o sentido de missão a despertar cada vez mais.

---

<sup>45</sup> *Ana Maria Javouhey. Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, pp. 80-81.

<sup>46</sup> MERLAUD, André – *Génio e Audácia. Ana Maria Javouhey. Vida e obra de uma grande Missionária*, p. 115.

Chegam à ilha de Bourbon a 28 de Junho de 1817. Mais tarde, Ana Javouhey responde à Irmã Maria José Varin, primeira superiora em Bourbon:

«Estou morta por ir ter com as irmãs (...) Minhas queridas filhas, com que satisfação vejo que vivem em harmonia; receava que os vossos temperamentos não se dessem, mas foi o Amor de Deus que vos reuniu, por isso amem-se profundamente, perdoem-se reciprocamente os pequenos defeitos (...)»<sup>47</sup>.

As vocações começam a aumentar significativamente, sendo que o Ministro da Marinha aproveita o florescimento e os serviços da Congregação em todas as Colónias, não apenas para a educação da juventude, mas também para manter os hospitais que faltavam nalgumas ilhas. É neste sentido que o Ministro pede irmãs para o Senegal.

As primeiras irmãs que partiram para o Senegal foram de facto admiráveis pela maneira como desempenharam as suas funções no hospital e se enquadraram. Apesar disto, as surpresas desagradáveis desanimam as irmãs. Contudo, as irmãs, fiéis à sua tarefa, mantiveram-se apesar de muito cansadas até Março de 1822, altura em que chegou Ana Javouhey, que começou uma nova fase da história da Congregação: a evangelização da África.

A Madre Javouhey tinha tido tempo para meditar nas necessidades daquele povo através da correspondência que as suas irmãs lhe foram enviando. É interessante o que ela escreve ao seu pai quando chega ao Senegal:

«O pai nunca poderá fazer ideia do que é esta região: a população é demasiada para o espaço; em todas as ruas há tanto ou mais gente do que em Paris na rua Saint – Honoré e acredite que lá não há pouca. Parecem-me todos de luto tão escura é a sua pele. Sinto um desejo imenso de trabalhar para os fazer felizes; se soubesse como até agora tão poucos meios se empregaram para atingir este nobre fim. Vou começar com muito poucas coisas, mas a firme esperança de conseguir dá-me coragem (...)»<sup>48</sup>.

A seus olhos, haverá necessidade de missionários intrépidos e, por outro lado, haverá necessidade de criar um clero autóctone. Como precursora, Ana Maria Javouhey vai lançar-se neste projecto. Não hesita em mandar para França alguns jovens que, mais tarde, evangelizarão África.

---

<sup>47</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, pp. 98-99.

<sup>48</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, p. 141.

Ana Maria Javouhey antes de tudo era educadora da fé. Passado muito pouco tempo de estar no Senegal vai para a Goreia. Aplicou-se tanto no Senegal como na Goreia a organizar os hospitais. Teve o mérito de tentar melhorar a triste condição dos indígenas. Implementou as escolas agrícolas no meio daquele povo. O objectivo era formar uma nova geração no seio da qual se desenvolveriam os bons costumes, onde nasceriam hábitos de ordem e de trabalho. A sua simpatia para com os africanos crescia à medida que se dava conta da profunda miséria na qual estavam mergulhados. Relacionou-se com os indígenas para lhes ganhar a confiança, testemunhando-lhes o profundo interesse de que se sentia animada por eles e de lhes fazer algum bem. O cristianismo era praticamente inexistente, não havendo lugares de culto, tendo sido uma das preocupações construir Igrejas.

Além destes locais, aceitará também ir a Serra Leoa e Santa Maria de Gâmbia. Chegou, nos fins de Dezembro de 1822, a Santa Maria de Gâmbia onde ficou a tratar dos doentes no hospital. Depois desta missão vai para a Serra Leoa. Chegou lá a 15 de Março de 1823. Em Serra Leoa esteve bastante doente. Quando melhorou, regressou para o Senegal e, mais tarde, para França. Já não voltou a realizar mais nenhuma viagem para África.

«A esta mulher caberá a glória de, no século XIX, ter sido a primeira e a única a ter a audácia de percorrer aquelas praias desoladas, que vão de São Luís do Senegal até à Serra Leoa, ao longo da costa da Guiné, para ali lançar num mesmo gesto as primícias do catolicismo e da civilização. Terá sido a primeira mulher que, pelo seu coração e pela sua fé, fez desaparecer daquelas terras a reputação de selvagens»<sup>49</sup>.

Quando chegou a França, voltou a meditar no projecto de preparar rapazes africanos para o sacerdócio. A insuficiência do clero naquelas terras longínquas e a falta de qualidade tinha-a impressionado particularmente. Com o acordo do Governo, vieram jovens africanos para se formarem padres ou professores, no qual os custos ficariam à responsabilidade da Congregação<sup>50</sup>.

---

<sup>49</sup> MERLAUD, André – *Génio e Audácia. Ana Maria Javouhey. Vida e obra de uma grande Missionária*, p. 179.

<sup>50</sup> Os três jovens africanos preparados para o sacerdócio pelos cuidados da Madre Javouhey são: «David Boilat, nascido em 1814; Arsène Fridoil, nascido em 1816 e Pierre Moussa nascido em 1815. Chegadas a França em 1827, fizeram parte do seminário menor africano, situado primeiro em Bailleul e depois em Limoux a partir de Novembro de 1829. Terminaram a sua preparação para o sacerdócio no seminário do Espírito Santo em Novembro de 1838 e foram ordenados em Setembro de 1840 em Paris» (*Ana Maria Javouhey. Uma Mulher livre*. Fátima: Província Portuguesa da Congregação de S. José de Cluny, 1995, p. 59).

Entre 1825 e 1828 foi um tempo fecundo para a Congregação. Tudo se tinha encaminhado para a sua consolidação e o seu desenvolvimento. Os estatutos e as regras aprovados em 1827 tinham-lhe dado uma base constitutiva, uma organização e elementos de vida religiosa bem mais definidos.

O Ministro da Marinha satisfeito com os seus serviços, propõe à Madre Javouhey que tente a exploração da Guiana, ao longo do Rio Maná. A 28 de Maio de 1828 escreve à Madre Rosália Javouhey em Bourbon confessando o seguinte: «nada fiz para apressar este acontecimento mas não tive coragem de o recusar; assim vou cumprir a minha missão e confiar-me inteiramente aos Braços desta Divina Providência que parece conduzir-me pela mão»<sup>51</sup>. Em Junho de 1828 embarca rumo a estas novas terras.

Em 1830, Ana Maria Javouhey, fundadora das irmãs de São José de Cluny, estava em plena acção missionária em Maná, no Guiana. Voltará a França, em 1833, para participar no Capítulo electivo em que será reeleita Superiora Geral do Instituto, a 15 de Outubro de 1833, segundo as normas definidas pelos Estatutos de 1827, que o regiam<sup>52</sup>.

Realizará, mais tarde, uma segunda viagem à Guiana tendo como objectivos a libertação dos escravos. No meio de tantas dificuldades é necessária à Madre Javouhey uma percepção clara da missão à qual Deus a envia com as suas Irmãs e uma força de alma excepcional para chegar a discernir o que deve fazer e cumpri-lo resolutamente. Teve o mérito de conseguir a libertação de centenas de escravos em Maná. O empreendimento de Maná foi sem dúvida a sua coroa de glória realizada em dois períodos (1828 – 1833 e 1835 – 1842).

## **2.5. O Conflito de Autun**

Ao regressar da primeira estadia na Guiana, a Madre Javouhey vai ter de enfrentar um doloroso conflito: o Conflito de Autun.

O Instituto saía do primeiro período da sua existência quando Mgr d' Héricourt, novo Bispo de Autun, tomou conhecimento dele, da sua expansão em França e fora dela. Imediatamente pensou, na sua inexperiência, mas cheio de si mesmo, que podia usufruir celebridade na cátedra episcopal se as irmãs de São José de Cluny lhe pertencessem, o que supunha que a Superiora Geral dependesse apenas dele. Para ele só

---

<sup>51</sup> *Ana Maria Javouhey. Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, p. 416.

<sup>52</sup> «Os Estatutos são aprovados pelas seguintes autoridades: D. de Vichy, Bispo de Autun e D. Feutrier, Bispo de Beauvais (3 de Janeiro de 1817). Carlos X autoriza definitivamente a Congregação de São José de Cluny para a educação de crianças e o tratamento dos doentes tanto em França como nas colónias e mesmo, noutras partes do Mundo» (LE GOLF, Soeur Yves - *O Conflito de Autun 1835 – 1851*. Congregação de São José de Cluny, p. 10).

haveria um noviciado, o de Cluny, o que obrigaria à remodelação dos estatutos de 1827, aprovados pelo seu predecessor e pelos Decretos Reais de Carlos X, o que para o Bispo de Autun era um pormenor sem importância. Remodelados os estatutos, ele seria o Superior Geral da Congregação já tão difundida e que precisava, segundo ele, de ser governada por mão de homem e não de uma mulher. Mgr d'Héricourt procurava a oportunidade para satisfazer os seus ambiciosos desejos e ultrapassar os limites do seu poder.

Segundo os Estatutos de 1827, a Madre Javouhey, uma vez em França, tinha convocado o Capítulo Geral que, por unanimidade, a reelegeu Superiora Geral da Congregação. Porém, como o número de capitulantes era diminuto para se proceder à eleição das Conselheiras, impunha-se uma nova reunião do Capítulo. Ela mesma o anuncia assim:

«Vamos ter o Conselho Geral em Cluny, a 29 de Abril (1835), será presidido pelo Sr. Bispo de Autun. Ele deseja que haja apenas um noviciado e em Cluny. O de Beauvais quere-o em Beauvais com um superior temporal que dirija receitas e despesas. O Arcebispo de Paris acha que a supremacia lhe cabe por direito. No meio de todas estas pretensões, eu descanso em Deus que saberá muito bem inclinar a balança para o lado que lhe aprouver»<sup>53</sup>.

Mgr. D' Héricourt antes da reunião capitular, chama a Madre Fundadora para lhe mostrar a alteração aos Estatutos que ele próprio fizera, obrigando-a a assinar. A principal alteração seria a obrigação de residência a Ana Maria Javouhey em Cluny e a necessidade da autorização episcopal para qualquer saída.

Perante pedidos, ora conciliantes, ora ameaçadores, serena, a transbordar de humildade mantém-se firme, fazendo a Santa Vontade de Deus. Assim escreve convicta: «Se Deus é por nós, quem será contra nós?»<sup>54</sup>.

É com esta convicção que parte novamente para a Guiana, a pedido do Governo Francês. Vai ao encontro dos seus queridos africanos, iluminada por um sonho que trazia no coração e que se confirmava também agora nesta segunda expedição a Maná.

---

<sup>53</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1833 – 1843*, Vol. 2, p. 730.

<sup>54</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1833 – 1843*, Vol. 2, p. 711.

## 2.6. A importância do Padre Libermann na obra de Ana Javouhey

A relação e mútua colaboração entre a fundadora das Irmãs de São José de Cluny e o Padre Libermann<sup>55</sup>, que sintonizavam no zelo apostólico pela salvação dos africanos, tiveram grande importância no plano de evangelização de África.

A 20 de Fevereiro de 1844, o Padre Libermann dirigiu a sua primeira carta a Ana Maria Javouhey:

«Várias vezes me foram falando da sua Congregação e das suas missões e, segundo o pouco que sei, compreendi que sua obra é, pouco mais ou menos, a mesma que a nossa (...) Atrevo-me a tomar a liberdade de pedir-lhe algumas informações mais detalhadas sobre a obra que a ocupa, sobre o estado das missões com os Negros e sobre os meios de fazer-lhes um bem real e sólido»<sup>56</sup>.

Os dois fundadores compartilham o mesmo fervor apostólico pelos negros. A ajuda e apoio dados por Libermann à Madre Javouhey tiveram uma relevância considerável, sobretudo numa grave situação que ameaçou a existência da Congregação de São José de Cluny. Libermann, conhecedor do perigo que ameaçava esta congregação por deficiências no processo de reconhecimento canónico (o Bispo de Autun pretendia ser seu Superior Geral), deu a Ana Javouhey todo o seu apoio, orientando-a nas diligências que devia fazer para regularização canónica.

Numa nota sobre os assuntos das Religiosas de São José de Cluny, o Padre Libermann descreve a grave situação que padecia, desde sua origem, a Congregação fundada pela Madre Javouhey:

«Monsenhor de Autun disse que é o Superior absoluto da Congregação. Ana Javouhey e suas religiosas não querem reconhecer sua superioridade; o Monsenhor de Beauvais está por Ana Maria Javouhey. A Congregação desta não tem todavia Constituições. Está aprovada pelo Estado, contudo não pediu sua aprovação a Roma. Se Ana Javouhey

---

<sup>55</sup> Francisco Libermann nasceu numa família de judeus ortodoxos na região francesa de Alsácia a 12 de Abril de 1802. Ao desenvolver os seus estudos converteu-se ao Cristianismo, tendo sido ordenado Sacerdote no ano de 1841. Libermann foi um pioneiro nos métodos para a actividade missionária moderna, estimulando os Espiritanos a respeitarem a cultura local, ou seja, cada comunidade devia compreender o Evangelho no contexto das suas próprias tradições. Faleceu no dia 2 de Fevereiro de 1852 (Cf. ALVES, Henrique – *Um Judeu... Salvador da raça preta*. Viana do Castelo: Edição de Entre Nós, 1939).

<sup>56</sup> SEIXAS, Joaquim Ramos – *Francisco Libermann. La fecundidad de un gran sacrificio*. Tomo V, Madrid: Congregacion del Espiritu Santo, 2003, pp. 265-266.

viesses a morrer antes de que fosse decidida esta discussão, a Congregação estaria no maior perigo (...)»<sup>57</sup>.

A Madre Javouhey, devido a esta situação complexa, pensou colocar a sua Congregação sobre a responsabilidade do Padre Libermann. A 11 de Abril de 1844, Ana Javouhey foi a Amiens propor a Libermann unir as duas Congregações e fazer depender as suas Religiosas dos missionários e que estes se encarregassem da sua condução.

Para evitar conflitos com o prelado (o Bispo de Autun), o Padre Libermann apressou-se a aclarar ao prelado a sua postura para com esta Congregação a 13 de Setembro de 1845. Tendo conhecido o estado da Congregação de São José, viu a impossibilidade absoluta de assumir a missão de superior.

Manteve, contudo, bastantes e estreitas relações com a Madre Javouhey, contribuindo a restabelecer o espírito religioso na sua Congregação. Note-se que as Irmãs de São José de Cluny foram fiéis companheiras dos Espiritanos nas missões.

## **2.7. Paciência e firmeza**

Algumas das características de Ana Maria Javouhey são a paciência e a firmeza. Ao longo da sua ausência, nas viagens que fez, muitas comunidades foram surgindo. Assim, pressente que deveria visitá-las dada a urgência de propor disciplina às suas Irmãs. Numa carta enviada à irmã Onésima Lefèvre, na Martinica, manifesta o seguinte: «Quanto temos que fazer para reformar os abusos que já se introduziram no meio de nós! Tenho uma enorme confiança que Deus me concederá a graça de trabalhar com a sua ajuda para os reformar e estabelecer a fiel observância da Regra e Constituições»<sup>58</sup>.

A simplicidade e o espírito de pobreza eram muito importantes para ela, tentando manifestar isto às suas Irmãs. A 4 de Março de 1846 escreve à Irmã Rafaela Montet em Bourbon: «não temos espírito de pobreza (...) Querem ter na vida religiosa mais regalias materiais do que tinham antes de entrar na vida religiosa. Empenhemo-nos em fazer compreender às nossas queridas irmãs a necessidade de amar a pobreza (...)»<sup>59</sup>.

A Madre Javouhey atravessou muitos períodos de regimes políticos bastante difíceis. A 24 de Fevereiro de 1848, encontrava-se na Bélgica, apressando-se a regressar a França. Escrevia às irmãs da comunidade de Paris: «Se soubessem com que ansiedade

---

<sup>57</sup> SEIXAS, Joaquim Ramos – *Francisco Libermann. La fecundidad de un gran sacrificio*, p. 268.

<sup>58</sup> *Ana Maria Javouhey. Correspondência 1843 - 1849*, Vol. 3, p. 1192.

<sup>59</sup> *Ana Maria Javouhey. Correspondência 1843 - 1849*, Vol. 3, p. 1365.

espero pelos jornais para saber o que se passa em Paris! Queria estar aí convosco; parece que teríamos mais coragem se estivéssemos juntas (...) Os jornais dão notícias muito tristes, quase direi aterradoras»<sup>60</sup>. No meio desta agitação e incerteza mantém a calma e anima as suas irmãs. A Monarquia de Julho aos poucos desmoronava-se. O Governo provisório da República considerava que se devia abolir a escravatura em todos os territórios franceses.

## **2.8. Morte e Beatificação de Ana Maria Javouhey**

Em Março de 1851, a Madre Javouhey dava sinais de cansaço e, embora tivesse projectado uma viagem a Roma para falar ao Papa da sua Congregação e missão, as forças traíram-na.

A 14 de Julho de 1851, a Madre Javouhey parecia estar melhor. Na tarde desse mesmo dia recebe a visita do Padre Le Vavasseur, superior geral da Sociedade dos Padres do Espírito Santo. Foi este padre que lhe deu a notícia da morte do Bispo de Autun. Tinha tido muitas dificuldades com este Bispo, contudo perdoou e rezou por ele. Foi o seu último gesto e atitude: perdoar. Morre a 15 de Julho de 1851.

Após a sua morte a fama de santidade foi-se difundindo. As publicações sobre a sua vida deram a conhecer as suas virtudes e as suas obras. Depois da abertura do processo de Beatificação, no ano de 1897, o seu nome difundiu-se nas cinco partes do mundo. À sua intercessão foi atribuído um grande número de graças.

No dia 15 de Outubro de 1950 foi Beatificada em Roma pelo Papa Pio XII.

## **Conclusão**

Pelo que foi exposto, conclui-se que a Igreja durante o período do Iluminismo teve algumas dificuldades em dialogar com este movimento e responder aos seus desafios. Note-se que esta breve abordagem histórica tem como objectivo perceber melhor e contextualizar a época em que se desenvolveu a vida de Ana Maria Javouhey.

Com a Revolução Francesa nasce um período difícil para a Igreja, sendo neste contexto que Ana Javouhey responde aos acontecimentos que ia vivendo.

O século XIX, apesar das consequências nefastas que a Revolução Francesa teve, é um século espiritualmente rico. Um dos exemplos, é a acção missionária *ad gentes*, que ganha um relevo impressionante nesta época.

---

<sup>60</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1843 - 1849*, Vol. 3, p. 1526.

Ana Maria Javouhey nasceu em Chamblanc, onde viveu a sua meninice, no seio de uma família profundamente cristã. Desde cedo manifestou estar destinada a uma vida de especial consagração e de entrega ao Senhor. Não nos podemos esquecer que ela foi uma adolescente que viveu nos tempos desafiadores e de terror que a Revolução Francesa trouxe. Além disto, foi a primeira e a única mulher a ter a audácia de percorrer caminhos tão longínquos, que vão de São Luís do Senegal até a Serra Leoa, da Guiana francesa às Antilhas (Guadalupe e Martinica).

## **Capítulo II**

### **Espiritualidade e Apostolicidade da Beata Ana Maria Javouhey**

No segundo capítulo realçamos algumas questões relativas à espiritualidade e à apostolicidade da Irmã Ana Maria Javouhey. É uma abordagem feita a partir da leitura das suas cartas, que foi escrevendo a familiares, superiores, directores espirituais e governantes, tendo em conta alguns dos principais documentos do magistério da Igreja, para verificar a actualidade da sua mensagem.

#### **1. Espiritualidade de Ana Maria Javouhey**

A espiritualidade pretende abordar o relacionamento efectivo com Deus ou vida segundo o Espírito de Deus. Esta espiritualidade é cristológica e cristocêntrica, pois Jesus Cristo é o fundamento e a meta de toda a espiritualidade.

No caso concreto da Irmã Ana Maria Javouhey constata-se uma forma muito concreta de viver o Evangelho. Procurou edificar a sua vida espiritual mediante a escuta e resposta a Deus, procurando viver segundo o desígnio de Deus e caminhar para a santidade de vida. Assim destaca-se: a Fé; fidelidade à santa vontade de Deus; o dom do perdão; a oração; o apelo à santidade; um coração que amava o Amor. Procurou a doação de si mesma a Jesus e aos homens.

##### **1.1. A Fé**

Ana Maria nasceu e cresceu num lar rico de fé, alimentada pela oração quotidiana em família e com a hospitalidade que os pais oferecem aos que sofrem.

Cresce com a certeza de que Deus a chama de uma maneira clara, absolutamente extraordinária à vocação que abraçou. Rejeita com generosa resolução todos os divertimentos a que estava apegada e a toda a vaidade, apanágio de jovem atractiva e até de meio abastado, para se preocupar e dedicar a dar a conhecer Deus e o seu Amor àqueles que o ignoram.

Isto significa que desde muito cedo, na sua caminhada espiritual, a vivência da Fé teve uma importância fundamental.

Esta nota na vida da Irmã Ana Maria Javouhey coloca-nos perante a essencial questão de saber o que significa a fé e quais as características fundamentais da fé. «A fé

é uma adesão pessoal do homem a Deus. Ao mesmo tempo, e inseparavelmente, é o assentimento livre a toda a verdade revelada por Deus»<sup>61</sup>.

A fé é uma atitude existencial, dando-nos a convicção de sermos amados, libertando-nos da solidão da angústia e do vazio, dispondo-nos a aceitarmos a nós mesmos e a amar os outros, dando-nos a coragem de desafiar o desconhecido<sup>62</sup>. Neste sentido, podemos dizer que:

«Acreditar é abrir-se, sair de si próprio, confiar, obedecer, arriscar, pôr-se a caminho em direcção às coisas “que não se vêem” (Heb 11, 1), seguir Jesus “autor e consumidor da fé” (Heb 12, 2). É assumir uma atitude de acolhimento activo, que permite que Deus construa a história connosco, para além das possibilidades humanas»<sup>63</sup>.

A fé é um dom de Deus, que é oferecido a todos. O Concílio Ecuménico Vaticano II refere o seguinte:

«Para prestar esta adesão da fé, são necessários a prévia e concomitante ajuda da graça divina e os interiores auxílios do Espírito Santo, o qual move e converte a Deus o coração, abre os olhos do entendimento, e dá a todos a suavidade em aceitar e crer a verdade»<sup>64</sup>.

Sem dúvida que a fé é um acto pessoal, uma resposta livre do homem à proposta de Deus que Se revela. Contudo, não é um acto isolado. O Catecismo da Igreja Católica refere:

«Ninguém pode acreditar sozinho, tal como ninguém pode viver só. Ninguém se deu a fé a si mesmo, como ninguém a si mesmo se deu a vida. Foi de outrem que o crente recebeu a fé; a outrem a deve transmitir. O nosso amor a Jesus e aos homens impele-nos a falar aos outros da nossa fé. Cada crente é, assim, um elo na grande cadeia dos crentes. Não posso crer sem ser amparado pela fé dos outros, e pela minha fé contribuo também para amparar os outros na fé»<sup>65</sup>.

---

<sup>61</sup> IGREJA CATÓLICA – *Catecismo da Igreja Católica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1999, nº 150.

<sup>62</sup> Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA – *A Verdade vos tornará livres. Catecismo para adultos*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1995, nº 87.

<sup>63</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA – *A Verdade vos tornará livres. Catecismo para adultos*, nº 88.

<sup>64</sup> IGREJA CATÓLICA – *Concílio Ecuménico Vaticano II. Constituição Dogmática Dei Verbum*. Braga: Editorial A. O., 1992, nº 5.

<sup>65</sup> IGREJA CATÓLICA – *Catecismo da Igreja Católica*, nº 166.

Para que o amor a Deus seja levado a outros, efectivo e operante é preciso uma fé esclarecida, profunda, pouco vulgar, como foi a de Ana Maria Javouhey. E percebemos isso nas suas Cartas. A sua fé levava-a a ver sempre Deus como princípio e fim de todas as coisas: acontecimentos, situações, alegrias, sucessos ou fracassos, incompreensões. A sua experiência de fé é uma experiência dinâmica que cresce em generosidade como em profundidade e daí ressalta o querer de Deus, em abandonar-se nas suas mãos, em procurar sempre e só Deus, com humildade, simplicidade, gosto pela solidão. É uma fé esclarecida quando diz: «Que fazer? Afirmar a nossa Fé mesmo pondo em risco a própria vida»<sup>66</sup>.

Esta fé levou-a a ter uma enorme e profunda confiança em Deus. Estava tão profundamente impressa no seu coração que dizia: «tenhamos confiança: se Deus é por nós, quem será contra nós?»<sup>67</sup>. Esta expressão de São Paulo<sup>68</sup> encontra-se onze vezes na correspondência de Ana Maria Javouhey. Vai buscar a estas palavras de São Paulo uma convicção: o que empreende não é fantasia, e menos ainda um sentimento de vanglória, mas serviço de Deus. Ana Maria quer partilhar esta convicção com os mais próximos, com as pessoas que comungam do seu ardor e do seu projecto. Numa palavra, a citação da Epístola aos Romanos serve de fio condutor à aventura espiritual da Madre Javouhey.

Em todas as circunstâncias graves que viveu, manteve uma fé sem limites, uma entrega absoluta nas mãos de Deus. Isto fá-la aceitar com serenidade e paciência o que lhe ia acontecendo: «é em Deus que eu confio, a Obra é Sua, Ele há-de mantê-la contra tudo e contra todos»<sup>69</sup>.

## 1.2. Fidelidade à Santa Vontade de Deus

A sua fé e confiança baseava-se na fidelidade à vontade de Deus, que marca a sua espiritualidade. Para ela descobrir, procurar esta vontade só podia vir de uma grande fé. Vemo-la logo nas primeiras cartas enviadas ao pai para o convencer a aceitar a vocação: «sabe bem que me dei a Deus totalmente, por isso devo fazer a Sua Vontade em tudo, sem atender aos meus gostos»<sup>70</sup>, ou ainda, «creio conhecer a Vontade de Deus

---

<sup>66</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, p. 522.

<sup>67</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1843 – 1849*, Vol. 3, p. 1292.

<sup>68</sup> «Que mais havemos de dizer? Se Deus está por nós, quem pode estar contra nós?» (Rm 8, 31).

<sup>69</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1849 – 1851*, Vol. 4, p. 1870.

<sup>70</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, p. 52.

melhor do que nunca: as minhas disposições não mudaram; pelo contrário só se intensificaram e aperfeiçoaram»<sup>71</sup>.

Deus revela o seu desígnio benevolente. Foi por amor que Deus revelou-Se e deu-Se ao homem. O Catecismo da Igreja Católica diz:

«Aprove a Deus, na sua sabedoria e bondade, revelar-Se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade, segundo o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo Encarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e se tornam participantes da natureza divina»<sup>72</sup>.

Ana Maria Javouhey estava segura de que Deus a ajudaria a conhecer a sua santa vontade. Ora, a vontade do Pai é «elevator os homens à participação da vida divina»<sup>73</sup>. No fundo:

«é vontade do nosso Pai “que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade” (1 Tm 2, 3 – 4). Ele “usa de paciência [...], não querendo que ninguém se perca” (2 Pe 3, 9). O seu mandamento, que resume todos os outros e nos diz toda a sua vontade, é que nos amemos uns aos outros como Ele nos amou»<sup>74</sup>.

As cartas de Ana Maria oferecem-nos uma série de informações que nos ajudam a perceber a forma como entende a questão da vontade de Deus. Tentava ver nos acontecimentos a vontade de Deus: «temos de nos submeter aos acontecimentos que nos transcendem e que nos mostram a Vontade de Deus»<sup>75</sup>. Este raciocínio é constantemente usado por Ana Maria Javouhey: «a Sua Vontade manifesta-se através das circunstâncias em que nos encontramos sem as ter procurado»<sup>76</sup>.

Ana Maria está profundamente convencida da importância do papel da inteligência no discernimento ou procura. Como tal, refere muitas vezes nas suas cartas «estudem os Desígnios de Deus sobre a Sua Obra; e procuremos unicamente corresponder aos Seus desígnios sem precipitações»<sup>77</sup>. Com isto tenta sublinhar o esforço da inteligência humana em se unir ao projecto de Deus.

---

<sup>71</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, p. 50.

<sup>72</sup> IGREJA CATÓLICA – *Catecismo da Igreja Católica*, nº 51.

<sup>73</sup> IGREJA CATÓLICA – *Concílio Ecuménico Vaticano II. Constituição Dogmática Lumen Gentium*, nº 2.

<sup>74</sup> IGREJA CATÓLICA – *Catecismo da Igreja Católica*, nº 2822.

<sup>75</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, p. 189.

<sup>76</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, p. 548.

<sup>77</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1833 – 1843*, Vol. 2, p. 964.

Ana Maria Javouhey por mais contradições que encontrasse, o seu ponto de apoio era a submissão à vontade de Deus, aos desígnios da Providência. Porém esta submissão e fidelidade não era passiva. Ela sabia discernir, sobretudo sabia rezar: «meu Deus dai-me Fé, que ela me esclareça com a Vossa Luz divina e me conduza pelos caminhos que quereis que eu siga, ela será a minha força nas tribulações desta vida»<sup>78</sup>. E os caminhos que seguiu, confirmam essa adesão ao querer de Deus. Realço a carta no qual dá um conselho à sua irmã Maria José: «minha querida filha nunca queiramos outra coisa senão a vontade de Deus. Fiz voto de não ter mais nenhuma... nada me atrai, nada me interessa senão o desejo de fazer a Santa Vontade de Deus»<sup>79</sup>.

Ana Maria Javouhey, além disso, está convencida que a partilha faz parte da busca e garante a autenticidade da descoberta da vontade de Deus: «é conversando que poderemos ver e compreender o que temos a fazer para a Glória de Deus e a Salvação de todas as que nos estão confiadas»<sup>80</sup>. No fundo, trata-se de acreditar na procura comunitária da vontade de Deus, desejá-la, consagrar-lhe o tempo desejado, amar os tempos fortes em que a inteligência se põe humildemente à escuta dos outros.

### **1.3. O dom do perdão**

Outra constante do perfil espiritual de Ana Maria Javouhey é o dom do perdão. Salientarei dois casos, certamente os mais dolorosos da sua vida, porque em ambos estava em jogo o futuro da sua Congregação. São eles: o cisma de Bourbon e o conflito de Autun.

Começamos pelo cisma de Bourbon. Numa experiência de vida religiosa, Ana Maria vai tentar saber a vontade de Deus em Besançon, onde uma antiga religiosa começava a esboçar uma congregação. Aí tem um sonho que a deixa perplexa: vê à sua volta, uma multidão de pessoas de raça negra, trazendo aos ombros instrumentos de trabalho campestre. E o chamado sonho de Besançon vai tornar-se realidade dezassete anos depois, quando o governador de Bourbon lhe pede irmãs para se ocuparem da educação das jovens crioulas. A Madre Javouhey aceitou o pedido feliz porque tinha então a certeza da vocação especial que Deus lhe reservara (começa aqui a epopeia missionária). Apoiada na confiança e determinação, que eram seu apanágio, envia quatro, todas novas para o desconhecido, através dos riscos e perigos de uma longa viagem. Ao princípio tudo corria bem, mas a morte prematura da jovem Superiora, que

---

<sup>78</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, p.190.

<sup>79</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, p. 529.

<sup>80</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1843 – 1849*, Vol. 3, p. 1616.

tinha designado, antes de morrer para a substituir, a irmã Thais, sem conhecimento da Superiora Geral, vai lançar a Congregação num longo período de sofrimento (1821 – 1824). Esta irmã, aconselhada e apoiada pelo clero da ilha, alegando não estarem constituídas em Congregação, leva consigo um grupo de irmãs e faz a ruptura ou o cisma, o que significava acabar com a Congregação.

Ressalta aqui a grandeza da Madre Javouhey quando se expressa:

«Não procure refutar as calúnias. Deus encarrega-se de nos defender (...). As irmãs estejam em paz e tenham a certeza de que tudo virá a contribuir para a Glória de Deus e consolidação da Congregação; a Obra é de Deus, os homens nunca se poderão gloriar dela. Os nossos pecados podem levantar alguns obstáculos aos seus desígnios mas não podem impedi-los; o que importa é procurar a Sua Glória e não a nossa»<sup>81</sup>.

Mas o mais impressionante é o seu perdão que ultrapassa o que lhe fizeram; de facto, só uma grande fé pode levar a compreender a misericórdia de Deus, que nos impele a sermos também misericordiosos. Vejamos o que diz em relação às irmãs que se separaram:

«Sejam discretas e caridosas; vinguem-se só com benefícios. Que as irmãs dissidentes encontrem nas irmãs, como em mim, uma amiga que as console e ajude a suportar os seus desgostos (...). Elas que venham ter comigo, em parte alguma encontrarão melhor amiga»<sup>82</sup>.

Diz ainda que «se as nossas queridas ex-irmãs lhe manifestarem o mínimo desejo de retomar os seus deveres, assegure-lhes que da minha parte tudo está esquecido»<sup>83</sup>.

Ana Maria Javouhey perdoou estas irmãs dissidentes. A conversão de coração tem de ser uma constante na vida dos crentes:

«Jesus insiste na conversão do coração desde o sermão da montanha: a reconciliação com o irmão antes de apresentar a oferta no altar; o amor dos inimigos e a oração pelos perseguidores; orar ao Pai “no segredo” (Mt 6, 6); não se perder em fórmulas palavrosas;

---

<sup>81</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, p. 213.

<sup>82</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, p. 260.

<sup>83</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1833 – 1843*, Vol. 2, p. 1085.

perdoar do fundo do coração na oração; a pureza do coração e a busca do Reino. Esta conversão está totalmente polarizada no Pai: é filial»<sup>84</sup>.

A Madre Javouhey tinha uma fé admirável que a levava a perdoar. Era um perdão vivido na oração constante. Note-se que:

«A oração cristã vai até ao perdão dos inimigos. Transfigura o discípulo, configurando-o com o seu Mestre. O perdão é o cume da oração cristã: o dom da oração só pode ser recebido num coração em sintonia com a compaixão divina. O perdão testemunha também que, no nosso mundo o amor é mais forte que o pecado»<sup>85</sup>.

O segundo acontecimento, a que chamamos o conflito de Autun<sup>86</sup>, trouxe a Ana Javouhey um longo período de sofrimento.

Como a Madre Javouhey não aceita as condições do bispo de Autun (pretendia ser o Superior ou até fundador da Congregação), embora respeitando a autoridade eclesiástica, sofre as consequências da prepotência do Bispo. Vê fechada a capela do noviciado, não podem ser admitidas novas vocações (sem a licença de Mgr Héricourt) e, o mais complicado é ver-se privada dos sacramentos durante mais de dois anos porque voltara a Maná<sup>87</sup> sem sua autorização.

Numa carta podemos ler o seguinte:

«o Bispo de Autun proibiu o padre Guillier de me dar os Sacramentos a não ser que eu apresente a minha demissão a seu favor e o reconheça como Superior Geral da Congregação! Agora não poderá ir mais longe no mal que nos quer fazer, já fez tudo o que está ao seu alcance; eu perdoe-lhe de todo o coração por amor de Deus; e com isto serei ainda mais fiel à minha vocação que vem de Deus e não dele»<sup>88</sup>.

#### **1.4. A oração**

A oração teve um lugar central na vida de Ana Maria Javouhey. É na oração que ela encontra a luz para ver a vontade de Deus, a força para ultrapassar acontecimentos, a

---

<sup>84</sup> IGREJA CATÓLICA – *Catecismo da Igreja Católica*, nº 2608.

<sup>85</sup> IGREJA CATÓLICA – *Catecismo da Igreja Católica*, nº 2844.

<sup>86</sup> Ver o ponto 2.5. do I Capítulo da dissertação.

<sup>87</sup> A Guiana francesa, no qual faz parte o território de Maná, é um departamento ultramarino da França (na costa atlântica da América do Sul). Ana Maria Javouhey esteve em Maná, aproximadamente, entre 1827 e 1846, onde empreendeu uma comunidade para dar formação cristã aos escravos libertados (Cf. MERLAUD, André – *Génio e Audácia. Ana Maria Javouhey. Vida e obra de uma grande Missionária*, pp. 199-208).

<sup>88</sup> *Ana Maria Javouhey. Correspondência 1833 – 1843*, Vol. 2, p. 1085.

inspiração para as suas iniciativas. Procurou estar sempre na presença de Deus, responder ao seu amor para fazer a sua vontade. Ela própria fez a experiência de ser habitada por Deus, pela oração, e viver uma oração contínua que acompanhava todo o seu dia e todas as suas actividades. Por isso recomenda às suas Irmãs: «sim, minhas queridas filhas, estejam sempre em espírito na Sua presença pela oração habitual»<sup>89</sup>.

São imensas as suas cartas que falam com insistência em rezar, em contemplar, em saborear a presença de Deus: «rezemos, rezemos muito; é na oração e na união com Deus que encontraremos a nossa força»<sup>90</sup>. Ou ainda: «é na oração que Deus fala ao nosso coração, é na oração que Ele nos forma, que Ele nos consola»<sup>91</sup>.

Se a vida de oração não exclui uma vida activa, também uma vida activa não pode excluir uma vida de oração. Foi o que Ana Maria Javouhey disse à Madre Rosália e a todas as irmãs de Bourbon: «ensine-as a conservar o espírito interior no meio das ocupações absorventes da sua missão e sobretudo a andar sempre na presença de Deus»<sup>92</sup>.

Para Ana Maria Javouhey viver em oração é deixar-se amar por Deus. É estar sempre em espírito na sua presença pela oração habitual. É de realçar que «a oração é a vida do coração novo. Deve animar-nos a todo o momento»<sup>93</sup>.

O sinal manifesto desta necessidade e desta experiência omnipresente da oração é o uso abundante destas palavras nas suas cartas. Ora, o emprego frequente da palavra oração acompanha-se muitas vezes de uma insistência sublinhada pela repetição da palavra: «rezemos, rezemos!»<sup>94</sup>; «rezemos muito»<sup>95</sup>; ou «rezemos, rezemos, o Senhor concede tudo à oração humilde»<sup>96</sup>. Estas breves citações permitem-nos avaliar a importância da oração na espiritualidade de Ana Maria.

A oração humilde é fundamental para Ana Javouhey. «A humildade é o fundamento da oração. “Não sabemos o que havemos de pedir para rezarmos como deve ser” (Rm 8, 26). A humildade é a disposição necessária para receber gratuitamente o dom da oração: o homem é um mendigo de Deus»<sup>97</sup>. É de salientar que para ela esta virtude não consiste em baixar a cabeça e ainda menos convencer-se de que não valemos nada. A humildade é o realismo da fé, uma sã e jubilosa relação com o Criador,

---

<sup>89</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1849 - 1851*, Vol. 4, p. 1825.

<sup>90</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1849 - 1851*, Vol. 4, p. 1893.

<sup>91</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1843 - 1849*, Vol. 3, p. 1525.

<sup>92</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1798 - 1833*, Vol. 1, p. 277.

<sup>93</sup> IGREJA CATÓLICA – *Catecismo da Igreja Católica*, n° 2697.

<sup>94</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1843 - 1849*, Vol. 3, p. 1434.

<sup>95</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1843 - 1849*, Vol. 3, p. 1523.

<sup>96</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1843 - 1849*, Vol. 3, p. 1594.

<sup>97</sup> IGREJA CATÓLICA – *Catecismo da Igreja Católica*, n° 2559.

o acolhimento alegre e reconhecido dos dons do Espírito Santo, o serviço de Deus e dos irmãos.

Em tudo somos convidados a perseverar no amor. Note-se que «orar é sempre possível: o tempo do cristão é o de Cristo Ressuscitado, que está “connosco todos os dias” (Mt 28, 20), sejam quais forem as tempestades»<sup>98</sup>.

No fundo, a oração alimentada pela Palavra e pela Eucaristia, é o lugar onde cada um de nós se vê chamado a ser verdade, a encontrar os motivos do seu compromisso, e a verificar o seu cumprimento. Trata-se de duas palavras mestras: a acção de graças e a humildade.

O Concílio Vaticano II é claro quando diz:

«Os membros dos institutos cultivem com contínuo esforço o espírito de oração e a mesma oração, aurindo-a das genuínas fontes da espiritualidade cristã. Sobretudo tenham todos os dias entre mãos a Sagrada Escritura (...). Celebrem a sagrada Liturgia, sobretudo o sagrado mistério da Eucaristia, pelo coração e pela palavra, segundo o espírito da Igreja, e alimentem desta abundantíssima fonte a vida espiritual»<sup>99</sup>.

Em Julho de 1825, a Madre Javouhey enviou uma carta às irmãs da ilha Bourbon, um documento importante, verdadeiro ‘breviário’ da vida religiosa:

«Nunca recomendarei de mais a pureza de intenção em todas as vossas acções (...). A pureza de intenção dá valor a todas as nossas acções; vivifica-as, enobrece-as e as mais pequenas tornam-se grandes pela grandeza do motivo que as determina (...). Busquem-no só a Ele em todas as vossas acções, que Ele seja o objectivo de tudo o que realizam, e Ele será também a vossa recompensa. Minhas queridas filhas, o meio de conservar e aumentar esta pureza de intenção é andar na presença de Deus, é intensificar este espírito interior que é a alma da vida religiosa; com espírito interior nada nos escapa, aproveitamos os bens e os males que o Senhor nos envia, recebemos tudo da mão de Deus que se serve das criaturas para nos tornar melhores (...)»<sup>100</sup>.

Nesta citação não encontramos a palavra oração. No entanto, o que a Madre Javouhey exprime, supõe uma oração constante. O vocabulário, que não difere do da época, fixa as condições de uma vida cristã e religiosa fiel. Só a Palavra de Deus, acolhida e meditada, é que nos pode ajudar, bem como a oração comunitária e a

<sup>98</sup> IGREJA CATÓLICA – *Catecismo da Igreja Católica*, nº 2743.

<sup>99</sup> IGREJA CATÓLICA – *Concílio Ecuménico Vaticano II. Decreto conciliar Perfectae Caritatis*, nº 6.

<sup>100</sup> *Ana Maria Javouhey. Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, pp. 277-278.

fidelidade aos sacramentos da penitência e da eucaristia. Quem quiser cumprir a sua santa vontade, deve despertar em si o espírito interior, que é a alma, não apenas da vida religiosa mas de toda a vida baptismal.

Numa carta enviada à Madre Rosália Javouhey em Bourbon, é interessante verificar as palavras que Ana Javouhey lhe escreveu: «Não somos religiosas do tempo do Concílio de Trento; somos religiosas segundo o nosso zelo apostólico e segundo as Leis da Igreja de hoje. Não queremos uma espiritualidade que nos impeça de viver o carisma da nossa vocação»<sup>101</sup>.

Podemos concluir que, para Ana Maria Javouhey, a oração simples seria fundamental para a vivência religiosa, aproveitando toda a riqueza da oração da Igreja, em comunhão com todo o Povo de Deus.

«Nunca deixem a oração, meditem junto à Cruz e assim receberão as luzes que precisam para cumprir bem os vossos deveres»<sup>102</sup>. São recomendações constantes da Madre Javouhey. Orar para conhecer a vontade de Deus.

Para Ana Maria deve-se rezar constantemente. Ela fez a experiência de ser habitada pela oração, de viver uma oração contínua, que acompanha todo o seu dia e as suas actividades. Ana Maria está consciente que a meditação habitual alimenta o carisma. Depois, o crescimento em santidade e a fecundidade missionária estão-lhe ligados. É essa oração que permite as audácias missionárias: «precisamos de adquirir o espírito interior e de oração. Com este duplo espírito não há perigo algum seja onde for»<sup>103</sup>. Um outro fruto deste espírito interior é a irradiação missionária: «a caridade perdoa tudo e a humildade tudo concilia; sinto vivamente a necessidade destas belas virtudes que não se adquirem senão com muito espírito interior»<sup>104</sup>.

## 1.5. Apelo à Santidade

Aquelas que Deus chama a viverem em comunhão com Ele, no seguimento de Ana Maria Javouhey, são também chamadas à santidade, o que não é facultativo.

Chamando-lhe algumas vezes “santidade”, outras “perfeição”, Ana Javouhey sempre desejou para si e para as suas filhas essa realização da pessoa que glorifica Deus e alegra o seu coração de Pai. Foi este desejo que lhe deu a força para se manter, por exemplo, em Serra Leoa a dirigir sozinha um hospital numa miséria impensável: «vale

---

<sup>101</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, p. 292.

<sup>102</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1843 - 1849*, Vol. 3, p. 1364.

<sup>103</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1833 – 1843*, Vol. 2, p. 630.

<sup>104</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, p. 341.

mais sofrer nesta vida do que sofrer sem mérito na eternidade; este pensamento povoou desertos e fez santos»<sup>105</sup>.

Nunca deixa de recomendar às suas irmãs: «procurem todas ser santas»<sup>106</sup>. Ora, todos os cristãos são chamados à santidade, «que consiste na perfeição da caridade, a qual se alcança pelo acolhimento da vontade de Deus nas diferentes situações e formas de vida»<sup>107</sup>.

O Concílio Vaticano II, sobre este tema da vocação de todos à santidade na Igreja, é claro:

«Jesus, mestre e modelo divino de toda a perfeição, pregou a santidade de vida, de que Ele é autor e consumidor, a todos e a cada um dos seus discípulos, de qualquer condição: “sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5, 48). A todos enviou o Espírito Santo, que os move interiormente a amarem a Deus com todo o coração, com toda a alma, com todo o espírito e com todas as forças e a amarem-se uns aos outros como Cristo os amou (...). É, pois, claro a todos, que os cristãos de qualquer estado ou ordem, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade»<sup>108</sup>.

É de salientar que cada cristão tem o seu próprio caminho espiritual, mas algumas linhas gerais são comuns a todos. Segundo o Concílio Vaticano II, o caminho que conduz à perfeição da caridade ou santidade, compreende experiências de oração, purificação e domínio de si, de exercício das virtudes e serviço do próximo<sup>109</sup>.

Todo o progresso da vida espiritual é dom de Deus, em que o cristão é chamado a colaborar. Portanto, o caminho para a santidade é o caminho normal de todo o batizado. É preciso desejar a santidade, querer ser santo. Precisamos de nos abrir a todas as graças, que Ele nos dá, porque é Ele que molda a santidade de seus filhos. Procurar a santidade é simplesmente fazer a vontade de Deus, note-se o caso concreto de Ana Javouhey.

A 12 de Dezembro de 1834, Ana Maria escreve à sua irmã Maria Teresa Javouhey: «tenho-lhe dito bastantes vezes quais devem ser as virtudes características das irmãs de São José: desejo ardente de perfeição, amor à pobreza e sobretudo

---

<sup>105</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, p. 190.

<sup>106</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, p. 355.

<sup>107</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA – *A Verdade vos tornará livres. Catecismo para adultos*, nº 844.

<sup>108</sup> IGREJA CATÓLICA – *Concílio Ecuménico Vaticano II. Constituição Dogmática Lumen Gentium*, nº 40.

<sup>109</sup> Cf. IGREJA CATÓLICA – *Concílio Ecuménico Vaticano II. Constituição Dogmática Gaudium et Spes*, nº 42.

obediência religiosa»<sup>110</sup>. É interessante observar que em primeiro lugar encontra-se a virtude do desejo ardente da santidade. Mais tarde escreverá o seguinte: «empenhemo-nos em adquirir o espírito da nossa santa vocação (...). Procuremos ser santas, se não quisermos ser excluídas por toda a eternidade»<sup>111</sup>. Ana Maria não deseja apenas a santidade para si mesma, mas ainda encoraja as suas filhas a sê-lo. É a condição primária para a eficácia missionária: «exorto-as com todo o ardor do meu coração a trabalharem com energia para serem perfeitas religiosas»<sup>112</sup>. O vocabulário que emprega não é indiferente; exprime com justeza o que ela vive: a sede ardente de ver as suas filhas empreender o caminho da santidade: «Peço-lhes que sejam boas e santas religiosas, é nisto que está a verdadeira felicidade, o resto nada é»<sup>113</sup>.

Recomenda constantemente: «Empenhemo-nos em formar religiosas santas; ajude-as com os seus bons conselhos a santificarem-se no seu próprio trabalho, a fazer tudo para agradar a Deus e corresponder aos seus desígnios, procurando que as suas alunas também sejam santas»<sup>114</sup>. Formar religiosas santas é uma obra colectiva e não simplesmente da fundadora. A Madre Javouhey põe em relevo a missão de cada irmã: que se santifiquem no seu trabalho.

Ana Javouhey conheceu também irmãs instaladas, sem projecto espiritual, falando disso com alguma tristeza: «religiosas que busquem verdadeiramente a perfeição são muito raras: uma em cem; esta constatação é triste mas verdadeira»<sup>115</sup>. Para tal, interpelou sempre as suas irmãs sobre a importância da santidade, testemunhando.

## 1.6. Um coração que amava o Amor

Jesus conheceu-nos e amou-nos a todos e a cada um, com um coração humano. O Seu coração trespassado pelos nossos pecados e para nossa salvação é o símbolo daquele infinito amor com o qual Ele ama o Pai e cada um dos homens<sup>116</sup>. Quando a Igreja fala do coração humano quer-se referir ao fundo do ser da pessoa, às entranhas da pessoa em que a pessoa se decide ou não por Deus<sup>117</sup>. O Catecismo da Igreja Católica diz:

---

<sup>110</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1833 – 1843*, Vol. 2, pp. 697-698.

<sup>111</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1833 – 1843*, Vol. 2, p. 802.

<sup>112</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, p. 517.

<sup>113</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1843 - 1849*, Vol. 3, p. 1448.

<sup>114</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1843 - 1849*, Vol. 3, p. 1193.

<sup>115</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, p. 591.

<sup>116</sup> Cf. IGREJA CATÓLICA – *Catecismo da Igreja Católica*, nº 478.

<sup>117</sup> Cf. IGREJA CATÓLICA – *Catecismo da Igreja Católica*, nº 368.

«O coração é a morada onde estou, onde habito (e segundo a expressão semítica ou bíblica, aonde eu “desço”). É o nosso centro oculto, inapreensível, quer para a nossa razão quer para a dos outros: só o Espírito de Deus é que o pode sondar e conhecer. É o lugar da decisão, no mais profundo das nossas tendências psíquicas. É a sede da verdade, onde escolhemos a vida ou a morte. É o lugar do encontro, já que, à imagem de Deus, vivemos em relação: é o lugar da aliança»<sup>118</sup>.

A vida de Ana Javouhey está centrada no amor, em Deus, Ele que é amor e se revela ao coração do homem por intermédio de Jesus Cristo, de modo que cada um de nós seja capaz de expressar o mesmo amor na entrega e doação ao outro. Ela foi chamada a viver e a doar este amor, na entrega de si mesma.

Não nos podemos esquecer que a fé cristã e, neste caso concreto a vocação religiosa consagrada, brota sempre do amor de Deus que cada um descobre em si e o orienta para o amor a Deus. Foi este mesmo amor que Ana Maria Javouhey descobriu desde nova e que a levou a voltar-se para Jesus e o Seu amor.

Portanto, a resposta que Ana Maria Javouhey nos oferece é que é preciso amar sem medida: «a medida do amor de Deus é amá-IO sem medida (...). Não farei consistir o meu amor em palavras mas em obras»<sup>119</sup>.

Foi porque Ana Maria fez a experiência do amor misericordioso de Deus, nosso Pai, que viveu em intimidade com Ele e que adoptou como princípio de acção esta divisa. É uma atitude de adesão total à vontade de Deus.

Quando um coração despojado e amoroso procura os meios para conhecer a vontade de Deus e realizá-la através da oração, é um coração que ama o Amor. Na sua vida, ela encontrou essa certeza do coração de uma maneira muito extraordinária:

«Há nove anos o Senhor deu-me a conhecer duma maneira absolutamente extraordinária mas indubitável que me chamava à vocação que abracei para instruir os pobres e educar crianças órfãs. Eu tinha apenas dezassete ou dezoito anos, e sem quaisquer recursos de que pudesse dispor. Nessa altura, as comunidades tinham sido extintas pela Revolução; tudo parecia tornar este projecto impossível. No entanto o Senhor deu-me a conhecer a Sua Vontade duma maneira tão nítida, que, tendo consultado as pessoas mais competentes da região, todas elas me exortaram a pôr mãos à obra apesar de todas as dificuldades que viesse a encontrar»<sup>120</sup>.

---

<sup>118</sup> IGREJA CATÓLICA – *Catecismo da Igreja Católica*, nº 2563.

<sup>119</sup> *Ana Maria Javouhey. Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, p. 75.

<sup>120</sup> *Ana Maria Javouhey. Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, p. 83.

Muitas vezes a certeza vem de uma paz do coração que exclui toda a dúvida. O coração de Ana Maria Javouhey, porque tem a certeza de fazer a vontade de Deus é feliz. Como toda a graça que Deus nos concede, a comunicação da sua Vontade e o seu cumprimento comportam exigências que preocupam muito Ana Maria porque o seu coração vive as delicadezas do amor. Antes de mais, é preciso cumprir a vontade Divina com toda a perfeição de que formos capazes. Numa carta escrita, em 1847, diz o seguinte: «E ao meu coração Ele segredava: confiança, confiança, não temas os homens que são impotentes; aperfeiçoa a Obra que eu te confiei quando eras ainda uma criança»<sup>121</sup>. Esta carta foi escrita no momento mais forte da perseguição de D. d'Héricourt; a preocupação de Ana Maria é fazer a Vontade de Deus na perfeição.

Trata-se de um coração moldado na adesão à vontade de Deus e, por isso, um coração paciente. A ascese da vontade de Deus modela o coração humano e dá-lhe algumas características próprias. Num retiro feito em Dôle, entre 13 a 23 de Abril de 1807, escreveu vários apontamentos, hoje acessíveis. Neles refere:

«Abraçando a vida religiosa devemos sacrificar generosamente tudo o que temos de mais querido neste mundo; pai, mãe, familiares, amigos, tudo isso é como se tivesse morrido para nós; os bens, as honras devemos considerá-los como pó que o mínimo o vento leva. Porém todos estes sacrifícios nada são e de nada servirão se não houver também o da nossa própria vontade; é o mais difícil de fazer e aquele que devemos renovar todos os dias e a cada instante»<sup>122</sup>.

Verificamos, deste modo, que o coração de Ana Maria está habitualmente voltado para a vontade de Deus, o Amor. Nela se criou o hábito de procurar, de ver e de cumprir a Vontade de Deus. À medida do seu crescimento espiritual, o seu coração tornou-se cada vez menos capaz de se prender a outra coisa, mesmo quando estão em questão valores que lhe são queridos.

É um coração corajoso na obediência. A submissão à vontade de Deus passa, para ela, pela aceitação corajosa dos acontecimentos. É uma submissão capaz de vencer tantas dificuldades. Tem, igualmente, um coração firme e fonte de consolação para com todos que a rodeiam.

Em suma, Ana Maria Javouhey tem um coração aberto ao futuro. Esta atitude de abertura fez com que não se fechasse sobre os seus projectos. O seu coração estava continuamente aberto ao futuro porque Deus é Aquele que faz todas as coisas novas. No

---

<sup>121</sup> *Ana Maria Javouhey. Correspondência 1843 - 1849*, Vol. 3, p. 1467.

<sup>122</sup> *Ana Maria Javouhey. Correspondência 1798 - 1833*, Vol. 1, p. 70.

fundo, fez do seu viver uma abertura a Deus e aos irmãos, pois tinha um coração que amava o Amor. O amor de que Deus a cumulava comunicava-o aos outros de uma forma humilde e generosa.

## **2. Perfil apostólico de Ana Maria Javouhey**

A obra evangelizadora de Ana Javouhey reflectiu-se no testemunho que deu (na educação e instrução de crianças, tratamento de doentes, libertação dos escravos, povos longínquos que evangelizou), levando-nos a dizer que o mundo se tornou pequeno para esta grande Mulher, a quem nada detém: distâncias a percorrer, oceanos imensos a atravessar, perseguições a enfrentar e empreendimentos dos mais difíceis e inovadores. Ao mesmo tempo que admiramos o seu espírito empreendedor, não podemos deixar de admirar a sua grande humildade e espírito de pobreza, bem como a sua alegria. Na verdade, foi porque teve uma experiência de fé, do amor misericordioso de Deus, cumprindo a santa vontade Deus, que empreendeu nos meios onde esteve diversas obras.

Neste ponto, de forma muito sucinta, realçamos alguns pontos que ajudam a perceber um pouco do seu perfil apostólico no empreendimento de diversas obras que fez.

### **2.1. A importância do testemunho**

Para Ana Maria Javouhey, evangelizar era promover, estar ao serviço do homem, para o ‘levantar’ porque no homem ela via Deus e sabia que todo o homem é chamado a conhecer o seu Criador. Assim, para ela evangelizar é servir o homem através do Evangelho ou é ir ao encontro do homem passando por Deus. Numa das suas cartas lemos: «somos apóstolas, porque devemos difundir em toda a parte o bom odor de Cristo, que devemos pregar pelo nosso exemplo»<sup>123</sup>.

Ora, Ana Javouhey, tendo descoberto o maravilhoso amor de Deus por ela, passará toda a sua vida a procurar incansavelmente, como Jesus, a Vontade do Pai, o seu plano de salvação para aqueles a quem é enviado. É a atitude filial de Cristo que move todas as suas acções.

A eficácia da pregação vem pelo nosso exemplo ou testemunho, sendo que Ana Javouhey salienta bem isto. O viver e o sentir da fé vem, principalmente, pelo testemunho<sup>124</sup>.

De facto, o Catecismo da Igreja Católica é claro ao referir:

---

<sup>123</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1833 – 1843*, Vol. 2, p. 665.

<sup>124</sup> A Vida Consagrada, como vida em Igreja, é chamada a manifestar o testemunho de Jesus Cristo de acordo com as exigências de cada circunstância. «O mandato de Cristo “Sereis Minhas testemunhas” [Act 1, 8] é dirigido a todo o discípulo; porém, os consagrados assumem-no como projecto de vida, que aponta a primazia dos valores do Reino, o sentido da contemplação do Criador na criatura, a alegria da certeza de ser amado por Deus e a esperança transformante da Vida Eterna» (SANCHES, Acácio – *O carácter simbólico da vida consagrada. Aurora do Terceiro Milénio*, p. 133).

«O discípulo de Cristo, não somente deve guardar a fé e viver dela, como ainda professá-la, dar firme testemunho dela e propagá-la: todos devem estar dispostos a confessar Cristo diante dos homens e a segui-Lo no caminho da cruz, no meio das perseguições que nunca faltam à Igreja. O serviço e testemunho da fé são requeridos para a salvação»<sup>125</sup>.

Diz ainda que «o nosso dever para com Deus é crer n'Ele e dar testemunho d'Ele»<sup>126</sup>. De facto, a mensagem de salvação só pode ser autenticada pelo testemunho de vida cristã, sendo um meio poderoso para atrair os homens à fé e a Deus<sup>127</sup>. «Ser testemunha de Cristo é ser testemunha da sua ressurreição»<sup>128</sup>.

É com estes sentimentos que Ana Javouhey deu catequese às crianças de Chamblanc, que prepara para os sacramentos, preocupa-se com a educação dos órfãos, quer da França, quer da África, empreende a intrépida acção missionária no Senegal, na Martinica e em Guadalupe, na Índia, entre muitos outros locais<sup>129</sup>. Mas não só evangeliza através do testemunho, como constrói escolas e orfanatos, hospitais e igrejas, como está presente em todas as fronteiras para ajudar homens e mulheres a terem uma relação filial com Deus.

A fecundidade do seu ardor apostólico baseava-se em viver os acontecimentos, que são sempre o ponto de partida para descobrir uma missão e eles vêm do amor aos mais abandonados, ao respeito pelas pessoas e culturas, às exigências da consagração.

Ana Javouhey está, pois, atenta aos sinais dos tempos e deixa-se interpelar por eles<sup>130</sup>, diria mesmo que foi sempre uma missão profética que a lançou em audaciosos empreendimentos, com uma inteira confiança em Deus, porque para ela tudo é obra de Deus, como dizia: «Sim minhas queridas filhas, confiemos em Deus (...). Se me atrevesse a apontar-me como exemplo dir-lhes-ia: vejam o que Deus fez através de mim»<sup>131</sup>. Todas as suas grandes opções nasceram do apelo das circunstâncias históricas que viveu.

---

<sup>125</sup> IGREJA CATÓLICA – *Catecismo da Igreja Católica*, nº 1816.

<sup>126</sup> IGREJA CATÓLICA – *Catecismo da Igreja Católica*, nº 2087.

<sup>127</sup> Cf. IGREJA CATÓLICA – *Catecismo da Igreja Católica*, nº 2044.

<sup>128</sup> IGREJA CATÓLICA – *Catecismo da Igreja Católica*, nº 995.

<sup>129</sup> Ver anexo I: principais fundações feitas por Ana Maria Javouhey.

<sup>130</sup> É interessante ver o que diz o Magistério actual da Igreja, nomeadamente, o Concílio Ecuménico Vaticano II: «O Povo de Deus, movido pela fé com que acredita ser conduzido pelo Espírito do Senhor, o qual enche o universo, esforça-se por discernir nos acontecimentos, nas exigências e aspirações, em que participa juntamente com os homens de hoje, quais são os verdadeiros sinais da presença ou da Vontade de Deus» (IGREJA CATÓLICA – *Concílio Ecuménico Vaticano II. Constituição Dogmática Gaudium et Spes*, nº 11).

<sup>131</sup> *Ana Maria Javouhey. Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, p. 280.

Ana Maria sentiu profundamente o abandono a que estava voltada a infância e juventude do seu país, num total desprezo pelos valores da fé, sentindo-o primeiro em Chamblanc e, mais tarde, por todo o mundo, usando pedagogias inovadoras, sem descuidar a formação das irmãs, a quem dizia: «dediquem-se às crianças, será pela juventude que conseguirão civilizar cristãmente»<sup>132</sup>.

A Madre Javouhey pensa que a educação deve permitir que o homem se torne cada vez mais homem e pensa que a escola é o lugar privilegiado da educação, porque enquanto são jovens e crianças é que é possível instruí-los. Evidentemente, que não se preocupou só com a instrução ou educação, mas com a educação integral do homem.

Para ela, deveriam ser ensinadas as disciplinas essenciais (educação religiosa, leitura, escrita, aritmética e aprender um ofício manual). Dava, deste modo, uma especial atenção ao trabalho manual da educação das crianças.

Também se dedicou ao tratamento de doentes, no serviço de enfermagem. Este serviço surge em São Luís do Senegal quando lhe pedem para responder às carências do hospital (o mesmo depois na Gâmbia) onde a assistência aos doentes era uma urgente necessidade:

«O hospital estava em péssimo estado. As Irmãs faziam tudo o que podiam, mas isto começou torto. Agora que se encarou tudo pelo lado positivo, que há uma única vontade, as coisas começam a definir-se, e espero que muito breve a situação esteja desanuviada»<sup>133</sup>.

A emancipação progressiva dos escravos à dignidade de homens livres foi, sem dúvida, a sua coroa de glória, que nos dá a medida da sua dedicação e testemunho, da sua capacidade de organização e do vigor da sua vontade. Sabemos quão difícil foi esta missão de educar para a liberdade homens e mulheres que tinham perdido a sua dignidade, que para ela «são criaturas que têm uma alma como nós; não pediram a vida, Deus deu-lha, é tempo de lhes dar a conhecer o seu Criador»<sup>134</sup>.

Ao Ministro dos Assuntos Eclesiásticos escreve:

«Um projecto humanitário de grande alcance exige que eu parta para a Guiana francesa. O senhor Ministro da Marinha quis confiar à Congregação das Irmãs de São José a missão de criar, nas margens do rio Maná, uma obra destinada a receber os negros

---

<sup>132</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1843 - 1849*, Vol. 3, p. 1442.

<sup>133</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1798 - 1833*, Vol. 1, p. 147.

<sup>134</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1843 - 1849*, Vol. 3, p. 1613.

confiscados por infracção às leis que proíbem o tráfico de escravos. Aí estes infelizes deverão adquirir costumes cristãos, morais, profissionais para beneficiarem, com proveito para si próprios e para a sociedade, da libertação definitiva, que será concedida à maior parte deles em 1837 (...). A experiência que tenho das colónias e sobretudo da Guiana, levou o governo a desejar que me dedique pessoalmente à execução deste humanitário projecto e que eu própria me encarregue da fundação desta obra. A fé e o meu desejo de solucionar situações tão lamentáveis, levaram-me a aceitar com alegria este penoso projecto»<sup>135</sup>.

Em suma, de 1835 a Maio de 1838, na Guiana, Ana Javouhey educa para a liberdade várias centenas de escravos, vindos de África, sendo sua principal preocupação a restauração da pessoa humana. Ana Maria Javouhey foi a primeira dos grandes fundadores a olhar para África com um outro sentir e viver. Nos variados empreendimentos testemunhou a sua fé com um grande vigor.

## **2.2. A pobreza**

Ana Maria Javouhey viveu no seu tempo com uma profunda simplicidade.

Ana Javouhey foi descobrindo os apelos de Jesus a uma autêntica pobreza. Desvendam-se, por assim dizer, as faces ocultas do voto de pobreza que entende praticar e ver praticar na Congregação.

Muito cedo, Ana Maria, que envia irmãs jovens para a ilha Bourbon, Senegal, Antilhas e Guiana, se apercebe que a vida nestes sítios, não é como a da metrópole. As irmãs podem nesses lugares adquirir maus costumes, isso tanto mais facilmente quanto se encontram a quilómetros da Casa Mãe e com meios de comunicação muito lentos. Por isso, os conselhos e advertências, por vezes mesmo as sanções tomadas por Ana Javouhey se explicam. Temos disso um resumo numa das suas cartas, de 20 de Abril de 1825, a uma religiosa da ilha Bourbon: «Vai ser preciso mudar a Superiora de Caiena; entregou 20 mil francos, de acordo com o Padre Violot, a um notário para se pôr em segurança contra possíveis acontecimentos. Que grande é a miséria humana! Como lastimo este tipo de pessoas!»<sup>136</sup>.

Dois meses depois, fazendo eco a este caso, escrevia um comentário sem complacência: «como o demónio do amor ao dinheiro e ao poder é perigoso, quantas

---

<sup>135</sup> *Ana Maria Javouhey. Correspondência 1833 – 1843, Vol. 2, p. 790.*

<sup>136</sup> *Ana Maria Javouhey. Correspondência 1798 – 1833, Vol. 1, p. 248.*

peças engana, e santas até. Quando será que amaremos a nossa querida congregação como a nós mesmas e a Deus sobre todas as coisas?»<sup>137</sup>.

Seguir Jesus, significa viver na radicalidade e desprendimento, tal como Ana Javouhey fez, comportando assim um novo modo de ser e de agir<sup>138</sup>. O amor preferencial pelos pobres manifesta uma benevolência diferente, a de Deus, gratuita e dirigida a todos<sup>139</sup>. Para Ana Javouhey, a promoção humana é parte integrante da evangelização.

Numa das suas famosas cartas, dirigida às irmãs da ilha Bourbon, que tem valor de testemunho, Ana Javouhey desenvolve nela os aspectos essenciais da vida religiosa. Nessa altura, ela mesma acaba de passar dois anos no Senegal em precárias condições. Conhece, por experiência, os atractivos e os limites da missão. Nesta carta, salienta o amor à santa pobreza:

«Minhas queridas filhas, os votos são os pontos principais da Regra, e o primeiro é o voto de pobreza, de total desapego de nós próprias. Se deixámos tudo, já não temos mais nada; seremos portanto perfeitas se cumprimos bem este primeiro voto. No entanto é raro encontrar verdadeiros pobres mesmo nas comunidades mais perfeitas. A pobreza não consiste em não ter coisas, mas em ter o espírito de pobreza característico dos pobres de Jesus Cristo; é aos que têm este espírito, que Ele chama bem-aventurados. Como seríamos felizes se tivéssemos este verdadeiro espírito de pobreza. Quem me dera explicar-lhes isto tal como Deus mo fez compreender. Pensem que com ele temos tudo, não desejamos nada, nada senão a realização dos Desígnios de Deus a nosso respeito; e todo o nosso receio é pôr-lhes algum obstáculo. É aqui, minhas queridas filhas, que encontramos a fonte da verdadeira e perfeita felicidade na terra, não procuremos outra, não nos deixemos iludir com as aparências»<sup>140</sup>.

É na intimidade com Jesus que Ana Javouhey relê o seu quotidiano. É na Palavra de Deus que procura o sentido dos seus compromissos. Além disso, nunca se esquece que, como Fundadora e Superiora Geral, deve dar-se de corpo e alma à sua congregação.

Quando a Madre Javouhey regressa à Guiana, em Fevereiro de 1836 para a tarefa de que o Governo a encarrega, comove-se com a condição miserável das pessoas

---

<sup>137</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, pp. 260-261.

<sup>138</sup> Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA – *A Verdade vos tornará livres. Catecismo para adultos*, nº 546.

<sup>139</sup> Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA – *A Verdade vos tornará livres. Catecismo para adultos*, nº 569.

<sup>140</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, pp. 279-280.

sem liberdade e assinala essa conclusão em forma de oração: «Meu Deus, como se é feliz quando se conhece o nada das coisas deste mundo e não se tem o coração apegado a elas! Alegro-me por me fazer pobre com os pobres; estamos na terra apenas de passagem, para quê agarrarmo-nos a ela?»<sup>141</sup>.

Para concluir, é de destacar que:

«a pobreza consagrada consiste, em primeiro lugar, num desprendimento consciente e livre dos bens materiais, atribuindo-lhes a verdadeira dimensão criatural, enquanto meios subsidiários à realização do Criador (cf. Gn 1, 28). Os consagrados, deixando tudo, assumem na própria carne a desapropriação de Jesus, mas devem encontrar formas novas de tornar o seu testemunho sempre mais claro»<sup>142</sup>.

### 2.3. A alegria

Uma das características de Ana Maria Javouhey é a sua alegria que vem da fé, de saber que realiza a Santa vontade de Deus: «como somos felizes pelo facto de realizarmos a Obra de Deus»<sup>143</sup>.

A verdadeira felicidade só se alcança em Deus, fonte de todo o bem e de todo o amor<sup>144</sup>. Ana Maria Javouhey porque estava enraizada em Deus, através da oração, consegue transmitir essa alegria a todos quantos a rodeavam. Esta alegria coexiste, muitas vezes, com momentos de maior inquietação e tribulação. O caminho desta alegria é o caminho da fé e do amor que redime, tantas vezes, as situações negativas. Nesta alegria, Jesus é o modelo pessoal, normativo e cheio de fascínio. De facto, Jesus, o Filho de Deus, veio e vem ao nosso encontro para nos conceder a alegria.

À Madre Rosália Javouhey que se encontrava em Bourbon, Ana Javouhey escreve-lhe dizendo o seguinte: «Deus mostra claramente que a Obra é Sua; como somos felizes por Ele querer servir-Se de nós para realizar a Sua Santa Vontade»<sup>145</sup>. Verificamos, assim, que Ana Javouhey é alegre porque realiza a santa vontade de Deus, num desprendimento e numa entrega de serviço e generosidade aos irmãos. É lindo quando nos empenhamos na nossa alegria e na alegria do próximo.

Ana Javouhey sente uma profunda alegria em evangelizar. É uma alegria que nasce, portanto, da missão, do anúncio de Jesus Cristo a todos os povos.

---

<sup>141</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1833 – 1843*, Vol. 2, p. 804.

<sup>142</sup> SANCHES, Acácio – *O carácter simbólico da vida consagrada. Aurora do Terceiro Milénio*, p. 89.

<sup>143</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, p. 277.

<sup>144</sup> Cf. IGREJA CATÓLICA – *Catecismo da Igreja Católica*, nº 1723.

<sup>145</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, p. 317.

A alegria é também um propósito de Ana Javouhey: «eu quero ser alegre, boa e agradável, para fazer toda a gente feliz»<sup>146</sup> e, portanto, «sintamo-nos alegres servindo bem Nosso Senhor, o resto nada vale»<sup>147</sup>.

A alegria de Ana Javouhey é uma alegria que brota do coração, uma alegria de quem sabe que está a fazer a vontade de Deus e se sente amada pelo amor de Deus. É a alegria de uma mulher que tem uma convicção profunda que toda a sua Obra é de Deus e, neste sentido, anunciou Jesus Cristo com toda a convicção e vigor. É a alegria de crer e de comunicar a fé aos pobres, às suas irmãs e a todos quantos a rodeavam.

Assim, verificamos que a alegria cristã não é simplesmente uma opção de vida. É de alguém que faz uma experiência de encontro pessoal com Jesus Cristo. O homem até pode esquecer ou rejeitar Deus, mas Deus nunca deixa de chamar todo o homem a que O procure, para que encontre a verdadeira alegria<sup>148</sup>.

Deus criou-nos para sermos alegres e a palavra de Deus é a fonte e o garante da nossa alegria. Ana Javouhey entrou pelo caminho da redenção, ou seja, dispôs-se a criar as condições necessárias para um verdadeiro acolhimento da palavra de Deus, condição da verdadeira alegria, escutando a voz do Senhor.

Em suma, «a Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria»<sup>149</sup>.

## Conclusão

Em conclusão, observa-se que na vida de Ana Maria Javouhey perpassa uma forte espiritualidade voltada para Jesus Cristo. Ela procurou adquirir a sua vida ao amor de Deus.

Mediante aspectos concretos da espiritualidade, edificou a sua vida espiritual mediante a escuta e a resposta a Deus com uma fé notável e uma fidelidade à Santa Vontade de Deus. A vida de oração, o dom do perdão e o apelo incessante à santidade eram uma constante no seu viver e agir. Tinha, no fundo, um coração que amava o Amor.

---

<sup>146</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, p. 386.

<sup>147</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, p. 527.

<sup>148</sup> Cf. IGREJA CATÓLICA – *Catecismo da Igreja Católica*, nº 30.

<sup>149</sup> FRANCISCUS PP. – *Evangelii Gaudium*, nº1: AAS 105 (2013: 12), 1.

Esta sua vivência espiritual reflectiu-se no testemunho que deu, num espírito de pobreza e alegria radiante. Estes três aspectos são, sem dúvida, fundamentais no perfil apostólico de Ana Javouhey.

Por tudo isto, vê-se que ela deixou-nos a todos uma importante espiritualidade, com formas concretas de caminho espiritual e de adequação à Boa Nova, que todos podemos e devemos procurar viver.

## Capítulo III

### A actualidade do carisma de Ana Maria Javouhey

Neste último capítulo vamos abordar a importância do carisma de Ana Maria Javouhey na vida da Igreja. Trata-se de um carisma missionário, onde a vida comunitária tem uma importância relevante.

Assim, dado ser um carisma missionário, abordamos alguns aspectos essenciais da missiologia, ou seja, um pequeno contributo para os desafios da evangelização.

#### 1. Um carisma missionário

Os carismas são graças dadas para o bem da Igreja: «na comunhão da Igreja, o Espírito Santo distribui também graças especiais entre os fiéis de todas as ordens para a edificação da Igreja. Ora, em cada um se manifestam os dons do Espírito, para o bem comum»<sup>150</sup>.

Os carismas, extraordinários ou simples e humildes, «são graças do Espírito Santo que, directa ou indirectamente, têm uma utilidade eclesial, ordenados como são para a edificação da Igreja, o bem dos homens e as necessidades do mundo»<sup>151</sup>.

É preciso evidenciar que os carismas são:

«Uma maravilhosa riqueza de graças para a vitalidade apostólica e para a santidade de todo o Corpo de Cristo; desde que se trate de dons verdadeiramente procedentes do Espírito Santo e exercidos de modo plenamente conforme aos impulsos autênticos do mesmo Espírito, quer dizer, segundo a caridade, verdadeira medida dos carismas»<sup>152</sup>.

Todos os carismas são preciosos: «estes carismas, quer sejam os mais elevados, quer também os mais simples e comuns, devem ser recebidos com acção de graças e consolação, por serem muito acomodados e úteis às necessidades da Igreja»<sup>153</sup>. É importante integrá-los e valorizá-los numa pastoral de comunhão. Todos, de algum modo, vêm de Deus.

Os pastores têm o dever de discernir a sua autenticidade e de regulamentar o seu exercício, numa humilde atitude de obediência ao Espírito e abertura aos irmãos: «o juízo acerca da sua autenticidade e recto uso, pertence àqueles que presidem na Igreja e

---

<sup>150</sup> IGREJA CATÓLICA – *Catecismo da Igreja Católica*, nº 951.

<sup>151</sup> IGREJA CATÓLICA – *Catecismo da Igreja Católica*, nº 799.

<sup>152</sup> IGREJA CATÓLICA – *Catecismo da Igreja Católica*, nº 800.

<sup>153</sup> IGREJA CATÓLICA – *Concílio Ecuménico Vaticano II. Constituição Dogmática Lumen Gentium*, nº 12.

aos quais compete de modo especial não extinguir o Espírito mas julgar tudo e conservar o que é bom»<sup>154</sup>.

Convém ter bem presente que a Igreja não é uma iniciativa dos crentes, mas constrói-se a partir de Jesus Cristo e do Seu Espírito. Os carismas nunca se devem confundir com as aspirações e os empreendimentos puramente humanos<sup>155</sup>.

«O carismático tem sempre algo de chocante, espontâneo, inesperado, que surge fora do normal. Às vezes exige da hierarquia um esforço para aprovar e secundar iniciativas que não nascem dela. Na Igreja o ideal é a união de ambos os elementos: não pôr em perigo a ordem e a autoridade, nem apagar nas estruturas a acção divina, superior a todas as estruturas humanas»<sup>156</sup>.

O Concílio Vaticano II diz: «a Igreja que Ele conduz à verdade total (cf. Jo 16, 13) e unifica na comunhão e no ministério, enriquece-a Ele e guia-a com diversos dons hierárquicos e carismáticos e adorna-a com os seus frutos (cf. Ef. 4, 11 – 12; 1 Cor. 12, 4; Gál. 5, 22)»<sup>157</sup>.

A comunidade eclesial é como um organismo vivo e operante. Assim,

«Na edificação do Corpo de Cristo existe diversidade de membros e de funções. É um mesmo Espírito que distribui os seus vários dons segundo a sua riqueza e as necessidades dos ministérios para utilidade da Igreja (cf. 1 Cor 12, 1 – 11). Entre estes dons, sobressai a graça dos Apóstolos, a cuja autoridade o mesmo Espírito submeteu também os carismáticos (cf. 1 Cor 14)»<sup>158</sup>.

Convém salientar o seguinte:

«O Espírito Santo é quem unifica na comunhão e no ministério, e enriquece com diversos dons hierárquicos e carismáticos toda a Igreja através dos tempos, dando vida às

---

<sup>154</sup> IGREJA CATÓLICA – *Concílio Ecuménico Vaticano II. Constituição Dogmática Lumen Gentium*, nº 12.

<sup>155</sup> «Todo o carisma comporta, enfim, um encaminhamento para o Espírito Santo, enquanto dispõe a pessoa a deixar-se guiar e sustentar por Ele, tanto no próprio caminho espiritual como na vida de comunhão e na acção apostólica, para viver naquela atitude de serviço que deve inspirar toda a opção de um autêntico cristão» (IOANNIS PAULI PP. II – *Vita Consecrata*, nº 36: AAS 88 (1996), 410).

<sup>156</sup> RUIZ, F. – Carisma. In *Diccionario de Espiritualidad*. Dir. Ermanno Ancill. Barcelona: Editorial Herder, 1983, t. 1, p. 331.

<sup>157</sup> IGREJA CATÓLICA – *Concílio Ecuménico Vaticano II. Constituição Dogmática Lumen Gentium*, nº 4.

<sup>158</sup> IGREJA CATÓLICA – *Concílio Ecuménico Vaticano II. Constituição Dogmática Lumen Gentium*, nº 7.

instituições eclesíásticas, sendo como que a alma delas, e instalando nos corações dos fiéis aquele mesmo espírito de missão que animava o próprio Cristo»<sup>159</sup>.

Os carismas têm, deste modo, uma importância fundamental para a vida da Igreja, sendo que «só o Espírito pode conceder à Igreja a sua multiformidade e fundar a unidade nela»<sup>160</sup>.

Quando o Espírito Santo suscita um carisma para a Igreja, através de um fundador ou uma fundadora, faz-lhes reconhecer Deus sob um aspecto particular. Muito cedo Ana Maria Javouhey teve consciência de que o caminho de santidade que Deus lhe fazia viver seria seguido por muitas outras pessoas. Temos um texto muito curioso, que remonta a Abril de 1807. Ana tem 28 anos e acaba o período das tentativas que viveu depois de se consagrar a Deus, em 1798. A situação esclarece-se progressivamente e eila na altura de fundar, oficialmente, a sua congregação. A hora é tão importante que deixa Chalons para ir fazer dez dias de retiro em Dôle sob a orientação do Padre Aubonne, jesuíta. Nas suas notas de retiro, escreve:

«O Senhor criou-me para eu própria Lhe dar glória, correspondendo fielmente às abundantes graças com que Ele quis cumular-me e fazer com que Ele seja glorificado por um grande número de pessoas que Ele próprio parece ter colocado sob a minha orientação a fim de que eu seja para elas exemplo e apoio, estimulando-as a segui-Lo o mais fielmente possível»<sup>161</sup>.

Na altura em que escreve estas linhas a Congregação tem apenas 9 irmãs. A expressão empregada “um grande número de pessoas” é desmedida em relação à realidade vivida então. Ana Maria teve, portanto, a intuição dessas numerosas irmãs que Deus chamaria em seu seguimento e para quem deve ser “exemplo e apoio”. A submissão à vontade de Deus e o testemunho são fundamentais para compreender o carisma de Ana Maria Javouhey. Julgamos que no coração do carisma devemos colocar a referência vital à vontade de Deus e a missão a todos os povos. Assim, tendo a vontade de Deus uma finalidade global, é o homem que é preciso erguer em todas as suas dimensões. Para tal, temos várias linhas de acção possíveis: libertar, educar e,

---

<sup>159</sup> IGREJA CATÓLICA – *Concílio Ecuménico Vaticano II. Decreto sobre a Actividade Missionária da Igreja Ad Gentes*, nº 4.

<sup>160</sup> BETTENCOURT, Estévão – Carismas. In *Enciclopedia Teológica Sacramentum Mundi*. Barcelona: Editorial Herder, 1972, t. 1, col. 672.

<sup>161</sup> *Ana Maria Javouhey. Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, p. 69.

sobretudo, evangelizar. Isto pressupõe uma intensa vida de oração e comunitária, na fidelidade à vontade de Deus.

Deste modo, verificamos uma forte coerência interna do carisma de Ana Maria Javouhey. A identificação total de Jesus ao projecto missionário do Pai é o seu fio condutor<sup>162</sup>. O projecto do Pai, a sua vontade, a sua missão, quer dizer a salvação de todos (até às extremidades da terra).

Para Ana Javouhey todos são amados por Deus. Ela quer ir a toda a parte onde há bem a fazer (o mesmo que dizer ao mundo inteiro). Chegamos a esta conclusão a partir das suas cartas: «uma boa religiosa sente-se feliz em qualquer sítio onde haja bem a fazer»<sup>163</sup>; e ainda: «eu queria estar em toda a parte onde há perigo e sofrimento»<sup>164</sup>. É uma abertura missionária. Trata-se, portanto, dum carisma missionário. Na missão, o importante é a Salvação das almas e ter em vista apenas a Glória de Deus. Trata-se de anunciar Jesus Cristo.

A 28 de Fevereiro de 1846, Ana Javouhey escreve às Irmãs de Mayotte:

«Sintam-se sempre muito felizes porque estão a fazer a santa vontade de Deus, Ele nunca as abandonará nas misérias e contrariedades que possam encontrar. Estou convencida de que em toda a parte as Irmãs darão sempre bom exemplo e nunca esquecem os grandes motivos que determinaram uma viagem tão difícil. Tenham em vista apenas a Glória de Deus e a Salvação das almas. Que todas as vossas acções tendam para este nobre objectivo e encontrarão nisso grandes consolações. Sejam delicadas, rectas, amáveis com toda a gente para todos atrair para Jesus Cristo. Amem os pobres e sobretudo as crianças, dêem-lhes a conhecer Deus e a Sua Santa lei. Meu Deus, como as considero felizes! Compreendam bem a vossa vocação, estimulem-se, suavizem os sofrimentos das que os possam ter. Sigam a Regra e ela lhes dará segurança e consolação»<sup>165</sup>.

As irmãs de São José de Cluny, desde o início, estão ao serviço de um grande projecto de missão e as comunidades missionárias eram preparadas em função da evangelização a assegurar.

---

<sup>162</sup> «À imagem de Jesus, dilecto Filho “a quem o Pai consagrou e enviou ao mundo” (Jo 10,36), também aqueles que Deus chama a seguir Cristo são consagrados e enviados ao mundo para imitar o seu exemplo e continuar a sua missão» (IOANNIS PAULI PP. II – *Vita Consecrata*, nº 72: AAS 88 (1996), 447).

<sup>163</sup> *Ana Maria Javouhey. Correspondência 1849 - 1851*, Vol. 4, p. 1895.

<sup>164</sup> *Ana Maria Javouhey. Correspondência 1798 - 1833*, Vol. 1, p. 547.

<sup>165</sup> *Ana Maria Javouhey. Correspondência 1843 - 1849*, Vol. 3, pp. 1363-1364.

## 1.1. Uma finalidade comunitária

Impulsionada pelo Espírito desde o ponto de partida, Ana Maria Javouhey vive o dom que lhe foi dado, associando outras pessoas à sua missão. O seu carisma dificilmente a levava a viver sozinha.

A comunidade é o lugar da procura e do cumprimento da vontade de Deus. Este principal fim só poderá realizar-se no diálogo que exige confiança e partilha. Ana Javouhey estava disso consciente e, por várias vezes, insiste no clima de confiança a manter. Verificamos exactamente isto, numa carta enviada à Irmã Josefina Tarriot em Pondichéri:

«Recomendo-lhe que dê provas de confiança em relação às nossas queridas irmãs: digalhes tudo o que pensa que pode interessá-las ou dar-lhes prazer. Mostre-lhes sempre as nossas cartas, é uma coisa que dá tanto gosto; e no futuro a Irmã ficará feliz com a confiança que elas terão em si. É assim que eu faço com todas as nossas queridas filhas e dou-me lindamente com este sistema»<sup>166</sup>.

A procura da vontade de Deus faz-se no discernimento; ora a condição do discernimento é o amor mútuo. É impossível que um discernimento tenha êxito num clima de desconfiança, de antipatia, mesmo de rejeição mútua. Por isso, a comunidade deve ser de vínculos inter-pessoais e não apenas uma comunidade de 'tecto'. Trata-se de uma comunhão de corações e Ana Maria esforça-se para que ela exista. Imensas recomendações vão neste sentido. Por exemplo, Ana Javouhey escreveu à Irmã Rosália, responsável pela comunidade de Bourbon, dizendo-lhe o seguinte: «converse muitas vezes com as irmãs»<sup>167</sup>.

A comunidade é também o lugar onde o afecto se refaz e recria continuamente. Ana Javouhey, que animou tantas comunidades, em lugares diferentes, sabe que as dificuldades são inevitáveis.

Para Ana Javouhey o diálogo era muito importante: «é conversando que poderemos ver e compreender o que temos a fazer para a Glória de Deus e a Salvação de todas as que nos estão confiadas»<sup>168</sup>. Está convencida que a partilha faz parte da busca e garante a autenticidade da descoberta da vontade de Deus<sup>169</sup>.

---

<sup>166</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1843 - 1849*, Vol. 3, p. 1256.

<sup>167</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1798 - 1833*, Vol. 1, p. 299.

<sup>168</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1843 - 1849*, Vol. 3, p. 1616.

<sup>169</sup> «Só da partilha de vida pode nascer a autêntica comunhão fraterna» (SANCHES, Acácio – *O carácter simbólico da vida consagrada. Aurora do Terceiro Milénio*, p. 113).

Esta finalidade comunitária tão importante na vivência e testemunho de Ana Maria Javouhey tem um interesse relevante no pensamento actual. A Igreja, para ser reconhecível como sinal diante do mundo, «deve possuir uma identidade visível bem determinada; deve configurar-se como comunidade de fé, de culto e, sobretudo, de relações fraternas»<sup>170</sup>.

O homem é chamado a viver constantemente em relação. Podemos dizer que a vida em comunidade fraterna é o símbolo da união trinitária. «A comunidade é participação do Amor trinitário e deve apoiar-se nesse Amor para dele ser uma transparência simbólica»<sup>171</sup>.

Numa comunidade todos têm a responsabilidade de estar ao serviço dos irmãos para os ajudar a discernir a vontade de Deus. «A comunidade consagrada é o lugar do encontro e da comunhão com os irmãos»<sup>172</sup>. Esta inter-comunhão permite que as pessoas vão formando a comunidade e a comunidade vá formando as pessoas<sup>173</sup>.

Além disto, «a vida Consagrada no seu conjunto não se pode compreender sem a sua inserção eclesiológica. Do mesmo modo, as relações fraternas da comunidade consagrada não podem ser entendidas a não ser à luz da comunhão eclesial»<sup>174</sup>.

Assim, esta finalidade comunitária que Ana Maria Javouhey também tanto desejava, torna-se um valor nuclear para o nosso tempo, pois o homem é por natureza um ser social e comunitário. «A pessoa humana, uma vez que, por sua natureza, necessita absolutamente da vida social, é e deve ser o princípio, o sujeito e o fim de todas as instituições»<sup>175</sup>.

Por último, «dentro da grande comunidade que é a Igreja, a fraternidade consagrada nasce do chamamento a seguir Jesus Cristo em família espiritual»<sup>176</sup>.

---

<sup>170</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA – *A Verdade vos tornará livres. Catecismo para adultos*, nº 430.

<sup>171</sup> SANCHES, Acácio – *O carácter simbólico da vida consagrada. Aurora do Terceiro Milénio*, p. 109.

<sup>172</sup> SANCHES, Acácio – *O carácter simbólico da vida consagrada. Aurora do Terceiro Milénio*, p. 110.

<sup>173</sup> Cf. SANCHES, Acácio – *O carácter simbólico da vida consagrada. Aurora do Terceiro Milénio*, p. 111.

<sup>174</sup> SANCHES, Acácio – *O carácter simbólico da vida consagrada. Aurora do Terceiro Milénio*, pp. 113-114.

<sup>175</sup> IGREJA CATÓLICA – *Concílio Ecuménico Vaticano II. Constituição Dogmática Gaudium et Spes*, nº 25.

<sup>176</sup> SANCHES, Acácio – *O carácter simbólico da vida consagrada. Aurora do Terceiro Milénio*, p. 118.

## 1.2. A missão

Ana Javouhey está entre as grandes figuras do século XIX. Neste século a acção missionária *ad gentes* ganhou um relevo muito grande<sup>177</sup>.

A missão da Igreja no meio dos homens, para ser autêntica, deve estar intimamente ligada a Jesus Cristo<sup>178</sup>. A este propósito afirma a Conferência Episcopal Italiana:

«Cristo ressuscitado é a força que anima a missão universal: os Apóstolos, que entraram em união íntima com Ele, partilham o Seu amor por todos os homens e tornam-se seus colaboradores na obra da salvação. O Senhor confia-lhes a grande tarefa de fazer discípulos a todas as gentes, e introduzi-las na vida eterna»<sup>179</sup>.

No fundo, «a Igreja inteira é, por sua natureza missionária. É enviada a evangelizar, isto é: a anunciar, celebrar e testemunhar o amor de Deus, que, por meio de Jesus Cristo quer salvar todos os homens»<sup>180</sup>.

Somente na fé se pode compreender e fundamentar a missão<sup>181</sup>. «A Igreja peregrina é por sua natureza missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na missão do Filho e do Espírito Santo»<sup>182</sup>. Ora, os homens só poderão entrar em comunhão com Deus através de Cristo e sob a acção do Espírito Santo<sup>183</sup>. «A missão, para além do mandato formal do Senhor, deriva ainda da profunda exigência da vida de Deus em nós»<sup>184</sup>.

Portanto, é preciso que todos se convertam a Cristo, pois a salvação é oferecida a todos os homens. Assim, existe uma razão para a actividade missionária:

---

<sup>177</sup> Ver o ponto 1.3. do I capítulo da dissertação. «A expansão das missões realizou-se principalmente no século XIX, quando os países do extremo Oriente se abriram às influências estrangeiras e a África foi toda conquistada. Entre 1870 e 1914 a colonização europeia na África atingiu o auge e, com a colonização, implantaram-se as missões. A *Congregação de Propaganda Fide* assumiu a direcção missionária em toda a cristandade graças ao impulso dos papas, especialmente Gregório XVI em 1831. Em 1839 foi condenada a escravatura, impulsionou-se a criação do clero indígena e favoreceu-se a implantação de Igrejas locais. Mas as missões continuaram um caminho paralelo ao das colonizações europeias e à romanização de um catolicismo exportado para os países do ultramar» (FLORISTÁN, Casiano – *Para compreender a Evangelização*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, [s.d.], p. 34).

<sup>178</sup> Cf. MARTINS, José Saraiva – *Ide e Anunciai. Fundamentos e desafios da missão hoje*. Lisboa: Paulus, 2008, p. 17.

<sup>179</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA – *A Verdade vos tornará livres. Catecismo para adultos*, nº 560.

<sup>180</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA – *A Verdade vos tornará livres. Catecismo para adultos*, nº 558.

<sup>181</sup> Cf. IOANNIS PAULI PP. II – *Redemptoris Missio*, nº 4: AAS 83 (1991), 252-253.

<sup>182</sup> IGREJA CATÓLICA – *Concílio Ecuménico Vaticano II. Decreto sobre a Actividade Missionária da Igreja Ad Gentes*, nº 2.

<sup>183</sup> Cf. IOANNIS PAULI PP. II – *Redemptoris Missio*, nº 5: AAS 83 (1991), 253-254.

<sup>184</sup> IOANNIS PAULI PP. II – *Redemptoris Missio*, nº 11: AAS 83 (1991), 259-260.

«A razão desta actividade missionária vem da vontade de Deus, que “quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade. Ora há um só Deus, e um só que é mediador de Deus e dos homens, o homem Cristo Jesus, que se deu a si mesmo como preço de resgate por todos” (1 Tim 2, 4 – 6)»<sup>185</sup>.

Ana Javouhey sentiu um grande apelo missionário (vocação missionária) no qual podemos, sem hesitar, descobrir aí a obra do Espírito Santo. Notamos isso em Chamblanc, quando ainda era uma jovem adolescente, e que apesar das fortes perseguições que vivia por causa da Revolução Francesa, ela ensinava as verdades da fé na sua comunidade. Além desta experiência, que teve na sua adolescência, descobriu mais tarde, o apelo dos mares, ou seja, o desejo de evangelizar povos distantes, tendo como centro e meta Jesus Cristo. A este propósito afirma o Concílio Vaticano II:

«Embora a todo o discípulo de Cristo incumba a obrigação de difundir a fé conforme as suas possibilidades, Cristo Senhor chama sempre dentre os discípulos os que Ele quer para estarem com Ele e os enviar a evangelizar os povos. E assim, mediante o Espírito Santo, que para utilidade comum reparte os carismas como quer, inspira no coração de cada um a vocação missionária e ao mesmo tempo suscita na Igreja Institutos, que assumem, como tarefa própria, o dever de evangelizar, que pertence a toda a Igreja»<sup>186</sup>.

Nunca podemos deixar de realçar que o verdadeiro protagonista da missão é o Espírito Santo. Para Ana Javouhey este aspecto é muito importante: «rezemos muito pedindo a Deus que lhes dê o seu Espírito Santo»<sup>187</sup>. Numa carta enviada à Madre Rosália Javouhey em Cluny, em 1845, verificamos que ela coloca as suas esperanças e problemas na acção do Espírito Santo:

«Vamos ter bastante dificuldade em arranjar todas as irmãs que nos pedem para as colónias. Procure chamar algumas das várias casas; veja onde será possível tirar algumas que se substituiriam provisoriamente por postulantes; O Espírito Santo vai dar-lhe luzes»<sup>188</sup>.

---

<sup>185</sup> IGREJA CATÓLICA – *Concílio Ecuménico Vaticano II. Decreto sobre a Actividade Missionária da Igreja Ad Gentes*, nº 7.

<sup>186</sup> IGREJA CATÓLICA – *Concílio Ecuménico Vaticano II. Decreto sobre a Actividade Missionária da Igreja Ad Gentes*, nº 23.

<sup>187</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1843 – 1849*, Vol. 3, p. 1635.

<sup>188</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1843 – 1849*, Vol. 3, p. 1320.

Só podemos anunciar com confiança e audácia o nome de Jesus Cristo, colocando a esperança na acção do Espírito Santo, tal como fez Ana Maria Javouhey.

Assim, constatamos que a evangelização tem dois elementos essenciais: «um exterior, a proclamação da Palavra; o outro interior, isto é, a acção do Espírito Santo. Estes dois elementos constituem uma só acção salvífica, a missão, que é acção de Cristo mediante o seu Espírito»<sup>189</sup>.

Ana Maria Javouhey foi dotada duma espiritualidade ao mesmo tempo forte e simples, capaz de animar o zelo missionário em todos os lugares, em todas as circunstâncias. Deste modo, sobressaem alguns aspectos particularmente específicos dos desígnios de Deus, sobre ela: primeiro, a atenção permanente em discernir os apelos de Deus, nos sinais dos tempos; segundo, a variedade nas tarefas empreendidas para promoção da pessoa humana e na melhoria das estruturas sociais; por último, a universalidade da missão.

No ano de 1822 Ana Javouhey desembarca no Senegal. Sentiu-se levada a partir, contra a opinião das suas irmãs e colaboradoras que temiam a sua ausência. Ela queria estar lá para ver e ouvir pessoalmente, organizando a missão. Mal desembarca, apodera-se dela um amor enorme pelos africanos. Ana Javouhey sente que realiza a santa vontade de Deus. A solidão, por vezes, seria enorme pois deparava-se com os horrores da escravatura:

«Quantas vezes, meu Deus, invoquei o vosso amparo, quando o suor corria da minha frente e a angústia torturava o meu espírito. Levantastes as minhas forças abatidas, Vós ó meu Deus, fizestes com que os poderosos e os justos ouvissem a voz da humilde rapariguinha que, de tamancos nos pés, deixou a casa paterna para cumprir a missão que lhe havíeis destinado»<sup>190</sup>.

Confia a Deus as suas forças e o seu desejo missionário. Depois desta experiência missionária em terras longínquas, Ana Javouhey foi desenvolver muitas outras missões *ad gentes*. Em 1843, várias irmãs vão para as ilhas Marquesas. Ana Javouhey, que tinha regressado a França em Agosto, escreve-lhes a 16 de Abril de 1844:

«Cheguei a França um mês depois da vossa partida. Que pena tive de já não as ter visto e podido dar-lhes muita coragem para tão nobre missão. Admiro as irmãs e invejo a vossa sorte, quem me dera partilhar os vossos trabalhos! Mas, minhas queridas filhas, será que

---

<sup>189</sup> MARTINS, José Saraiva – *Ide e Anunciai. Fundamentos e desafios da missão hoje*, p. 70.

<sup>190</sup> *Ana Maria Javouhey. Correspondência 1833 – 1843*, Vol. 2, pp. 790-791.

já mediram bem toda a extensão, toda a nobreza da vossa missão? Como é possível que frágeis mulheres sejam chamadas a pregar pelo exemplo e pela caridade! A ajudar santos apóstolos dando a conhecer Deus em países selvagens onde o demónio imperou tanto tempo como senhor! Estejam muito atentas para não desempenharem superficialmente tão grande missão. Reconheçam humildemente e muitas vezes a vossa incapacidade, mas ponham toda a confiança em Deus contando com a Sua ajuda que nunca lhes faltará. Não se inquietem, nunca estejam tristes, Deus está convosco, andem sempre na Sua presença»<sup>191</sup>.

Só Deus leva a bom termo a missão a que todos estamos chamados a pregar pelo exemplo e pela caridade. Ana Javouhey estando constantemente atenta às suas irmãs que partiam para terras longínquas, nunca deixa de lhes recomendar para viverem na fidelidade à vontade de Deus, dando-lhe graças pelo chamamento recebido e lendo nos acontecimentos a acção do Espírito Santo. Em Janeiro de 1845, depois de ter recebido notícias das irmãs das ilhas Marquesas, Ana Javouhey escreveu o seguinte:

«As vossas cartas dão-nos uma alegria imensa! Admiramos a vossa coragem, a firme resolução de não se afligirem apesar de estarem no meio de gente sempre pronta a guerrear-se. Nunca esqueçam os grandes motivos que as levaram a consagrar-se ao cuidado dos doentes na esperança de lhes salvar a alma tratando dos corpos. Quantas bênçãos o céu vos concede! Encontrarão consolações mesmo nos lugares mais inóspitos. Deus está em toda a parte para as ajudar e recompensar. Nunca se esqueçam disto!»<sup>192</sup>.

As viagens missionárias por terras longínquas que Ana Javouhey e as suas irmãs realizaram, leva-nos a reflectir sobre a importância da missão *ad gentes* na vida da Igreja. A Carta Encíclica *Redemptoris Missio*, de João Paulo II, diz:

«A afirmação de que toda a Igreja é missionária não exclui a existência específica da missão *ad gentes*, assim como dizer que todos os católicos devem ser missionários não impede, pelo contrário, exige-o, que haja missionários *ad gentes*, dedicados por vocação específica à missão por toda a vida»<sup>193</sup>.

---

<sup>191</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1843 – 1849*, Vol. 3, pp. 1195-1196.

<sup>192</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1843 – 1849*, Vol. 3, p. 1249.

<sup>193</sup> IOANNIS PAULI PP. II – *Redemptoris Missio*, n.º 32: AAS 83 (1991), 277-278.

A missão *ad gentes* destina-se a todos os povos<sup>194</sup>, apesar das inúmeras dificuldades. Contudo, não nos podemos esquecer dos fenómenos sociais novos que nos têm de fazer reflectir. A missão *ad gentes* «tem como destinatários os povos ou grupos que ainda não crêem em Cristo, aqueles que estão longe de Cristo, entre os quais a Igreja não está ainda radicada, e cuja cultura ainda não foi influenciada pelo Evangelho»<sup>195</sup>. A sua principal particularidade deriva do facto de se orientar para os não cristãos.

Por último, é de realçar:

«O dinamismo missionário permite uma troca de valores entre as Igrejas, e projecta para o mundo exterior influência positiva em todos os sentidos. As Igrejas de antiga tradição cristã, por exemplo, preocupadas com a dramática tarefa da nova evangelização, estão mais conscientes de que não podem ser missionárias dos não cristãos de outros países e continentes, se não se preocuparem seriamente com os não cristãos da própria casa: a actividade missionária *ad intra* é sinal de autenticidade e de estímulo para realizara outra *ad extra*, e vice-versa»<sup>196</sup>.

---

<sup>194</sup> «É tarefa da vida consagrada trabalhar em todos os cantos da terra para consolidar e dilatar o Reino de Cristo, levando o anúncio do Evangelho a todo o lado, mesmo às regiões mais longínquas» (IOANNIS PAULI PP. II – *Vita Consecrata*, n° 78: AAS 88 (1996), 453).

<sup>195</sup> IOANNIS PAULI PP. II – *Redemptoris Missio*, n° 34: AAS 83 (1991), 279-280.

<sup>196</sup> IOANNIS PAULI PP. II – *Redemptoris Missio*, n° 34: AAS 83 (1991), 279-280.

## 2. Os caminhos da missão

A evangelização, actualmente, é uma tarefa central e urgente da acção pastoral. Na verdade, «a tarefa de evangelizar todos os homens constitui a missão essencial da Igreja»<sup>197</sup>, sendo que «fundamenta-se na encarnação do Verbo de Deus em Jesus Cristo e nestas palavras de Jesus: “assim como Tu Me enviaste ao mundo, também Eu os envio ao Mundo” (Jo 17, 18). O fundamento da missão cristã é trinitário e cristológico»<sup>198</sup>.

Evangelizar, diz a *Evangelii Nuntiandi*, «é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade»<sup>199</sup>.

Esta actividade missionária da Igreja apresenta um carácter escatológico:

«A actividade missionária não é outra coisa, nem mais nem menos, que a manifestação ou epifania dos desígnios de Deus e a sua realização no mundo e na sua história, na qual Deus, pela missão, manifestamente vai tecendo a história da salvação. Pela palavra da pregação e pela celebração dos sacramentos de que a Eucaristia é o centro e a máxima expressão, torna presente a Cristo, autor da salvação»<sup>200</sup>.

Hoje precisamos, essencialmente, de evangelizadores com espírito. «Evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que se abrem sem medo à acção do Espírito Santo»<sup>201</sup>. Para o Papa Francisco, «do ponto de vista da evangelização, não servem as propostas místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário, nem os discursos e acções sociais e pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração»<sup>202</sup>.

Temos várias formas de evangelização: destaco o testemunho, o anúncio, a conversão, a inculturação e, por último, o diálogo inter-religioso. Para Ana Javouhey estes caminhos eram importantes, tal como são hoje. Talvez a primeira exigência desta espiritualidade missionária fosse o testemunho<sup>203</sup>, em que tanto insistia Ana Javouhey. É-nos imensamente necessário para discernir a vontade de Deus nos sinais dos tempos,

---

<sup>197</sup> PAULUS PP. VI – *Evangelii Nuntiandi*, n° 14: AAS 68 (1976), 13.

<sup>198</sup> FLORISTÁN, Casiano – *Para compreender a Evangelização*, p. 47.

<sup>199</sup> PAULUS PP. VI – *Evangelii Nuntiandi*, n° 18: AAS 68 (1976), 17-18.

<sup>200</sup> IGREJA CATÓLICA – *Concílio Ecuménico Vaticano II. Decreto sobre a Actividade Missionária da Igreja Ad Gentes*, n° 9.

<sup>201</sup> FRANCISCUS PP. – *Evangelii Gaudium*, n° 259: AAS 105 (2013), 1123-1124.

<sup>202</sup> FRANCISCUS PP. – *Evangelii Gaudium*, n° 262: AAS 105 (2013), 1124-1125.

<sup>203</sup> «A contribuição específica dos consagrados e consagradas para a evangelização consiste, primariamente, no testemunho de uma vida totalmente entregue a Deus e aos irmãos, à imitação do Salvador que Se fez servo, por amor do homem» (IOANNIS PAULI PP. II – *Vita Consecrata*, n° 76: AAS 88 (1996), 452).

para encontrar Deus no nosso coração e no meio onde estivermos. Ana Maria Javouhey também insistia bastante sobre a necessidade duma verdadeira pobreza, dum despojamento verdadeiramente vivido. Isto liberta-nos para a missão, permitindo-nos adaptar às circunstâncias e às diversas mudanças, a todos os estilos de vida, a compreender e viver com os mais desprotegidos.

Os desafios que a espiritualidade de Ana Maria Javouhey nos lança são um contributo para a evangelização. A actividade missionária hoje deve ter em consideração as circunstâncias e as condições inteiramente novas em que vivemos.

Mais do que uma pastoral de conservação, requer-se uma pastoral que assegure uma re-evangelização das diversas áreas humanas e promova e aprofunde a dimensão pessoal e comunitária da fé.

Apesar de a espiritualidade de Ana Maria Javouhey nos desafiar para uma espiritualidade missionária, principalmente, *ad gentes*, é impressionante que «hoje em dia, um bom número de baptizados que, em larga medida, nunca renegaram formalmente o próprio baptismo, mas que se acham totalmente à margem do mesmo e que o não vivem»<sup>204</sup>. Portanto, exige-se uma evangelização missionária *ad extra* e *ad intra*.

Na verdade, «este problema de como evangelizar apresenta-se sempre actual, porque as maneiras de o fazer variam em conformidade com as diversas circunstâncias de tempo, de lugar e de cultura»<sup>205</sup>, lançando um desafio à nossa capacidade de descobrir e adaptarmo-nos<sup>206</sup>.

A actividade missionária ou evangelização que se impõe exige que nos deixemos conduzir pelo Espírito, vivendo numa comunhão íntima com Jesus Cristo. Esta comunhão íntima com Jesus Cristo faz-nos amar a Igreja e os homens, como o próprio Jesus os amou, seguindo, deste modo, pelo caminho da santidade. «O nosso tempo, com a humanidade em movimento e insatisfeita, exige renovado impulso na actividade missionária da Igreja»<sup>207</sup>.

## **2.1. Primeira forma de evangelização: o testemunho**

Ao salientar este aspecto, não queremos estar a repetir o que já desenvolvemos anteriormente, na parte da espiritualidade e apostolicidade de Ana Maria Javouhey. Contudo, de facto, a primeira forma de evangelização é o testemunho. «Para a Igreja, o

---

<sup>204</sup> PAULUS PP. VI – *Evangelii Nuntiandi*, n° 56: AAS 68 (1976), 45-46.

<sup>205</sup> PAULUS PP. VI – *Evangelii Nuntiandi*, n° 40: AAS 68 (1976), 31.

<sup>206</sup> Cf. IOANNIS PAULI PP. II – *Vita Consecrata*, n° 81: AAS 88 (1996), 457-458.

<sup>207</sup> IOANNIS PAULI PP. II – *Redemptoris Missio*, n° 30: AAS 83 (1991), 276.

testemunho de uma vida autenticamente cristã, entregue nas mãos de Deus, numa comunhão que nada deverá interromper, e dedicada ao próximo com um zelo sem limites, é o primeiro meio de evangelização»<sup>208</sup>.

Na verdade,

«O homem contemporâneo acredita mais nas testemunhas do que nos mestres, mais na experiência do que na doutrina, mais na vida e nos factos do que nas teorias. O testemunho da vida cristã é a primeira e insubstituível forma de missão: Cristo, cuja missão nós continuamos, é a testemunha por excelência e o modelo do testemunho cristão»<sup>209</sup>.

Toda a vida de Ana Maria Javouhey foi de entrega a Jesus Cristo. O seu testemunho encontra-se profundamente enraizado e firme em Jesus Cristo. No ano de 1799, as consequências da Revolução Francesa estão ainda incandescentes, e a Igreja de França apenas começa a sarar as suas feridas. O pai de Ana Maria Javouhey manifestava-se contra a vocação da sua filha, pois dado o contexto histórico queria poupar, talvez, desilusões à sua filha. Contudo, ela escreve ao seu pai dizendo-lhe:

«Sabe que Deus me concedeu a graça de renunciar ao mundo. Pois bem, renovo com todo o meu coração as promessas que lhe fiz. Uma esposa de Jesus Cristo deve ter apenas a preocupação de lhe agradar; não deve ter outro pensamento nem outro desejo senão cumprir a sua Santa Vontade, dando testemunho»<sup>210</sup>.

Durante toda a vida, Ana Javouhey irá conformar-se com esta santa vontade de Deus. À sua volta vê imensas necessidades: crianças a escolarizar e catequizar, doentes a aliviar, pessoas para evangelizar. Nas dificuldades terá fortalecido a sua generosidade e animado a sua coragem de dar testemunho de Jesus Cristo.

João Paulo II afirmou que «todos na Igreja, esforçando-se por imitar o divino Mestre, podem e devem dar o mesmo testemunho, que é, em muitos casos, o único modo possível de se ser missionário»<sup>211</sup>.

---

<sup>208</sup> PAULUS PP. VI – *Evangelii Nuntiandi*, n° 41: AAS 68 (1976), 31-32.

<sup>209</sup> IOANNIS PAULI PP. II – *Redemptoris Missio*, n°42: AAS 83 (1991), 289.

<sup>210</sup> *Ana Maria Javouhey. Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, p. 47.

<sup>211</sup> IOANNIS PAULI PP. II – *Redemptoris Missio*, n°42: AAS 83 (1991), 289.

Assim, evangelizar é dar testemunho da Boa Nova de Jesus Cristo. «É em primeiro lugar, dar testemunho, de maneira simples e directa, de Deus revelado por Jesus Cristo, no Espírito Santo»<sup>212</sup>.

## 2.2. O anúncio

Para Ana Maria Javouhey o fundamental seria a Salvação das almas, que é oferecida a todos os homens. Recomendava sempre às suas irmãs para se ter «em vista apenas a Glória de Deus e a Salvação das almas»<sup>213</sup>, devendo atrair todos para Jesus Cristo. Anunciar Jesus Cristo era a sua atitude constante, estando ao serviço de todos, principalmente os mais pobres.

Ana Javouhey, dado à urgência deste anúncio, tinha a preocupação constante de enviar irmãs para os mais variados países: «aperte com as vossas postulantes para que venham a ser boas professoras e, sobretudo, boas religiosas (...). Precisamos de sessenta Irmãs para as colónias sem contar as trinta e uma que acabam de partir e as três de Mayotte que estão prontas»<sup>214</sup>. E, poucos anos mais tarde, diz: «pedem-me doze irmãs para Bourbon e seis para Pondichery; onde vamos arranjar tantas Irmãs?»<sup>215</sup>.

Este anúncio não é isento de dificuldades e sacrifícios. Ana Maria Javouhey escreveu a uma irmã, num certo dia: «vejo-a acabrunhada. Sim, a cruz é sempre cruz. Temos que dizer sempre no mais íntimo do coração: *fiat, fiat*. De resto, seria inútil revoltarmo-nos contra a mão de um Pai que sabe o que faz movido apenas pelo desejo de Salvação dos seus filhos»<sup>216</sup>.

Ora, o testemunho cristão inclui sempre a profissão pública da fé: «os fiéis, incorporados na Igreja pelo baptismo, são destinados pelo carácter baptismal ao culto da religião cristã e, regenerados para filhos de Deus, devem confessar diante dos homens a fé que de Deus receberam por meio da Igreja»<sup>217</sup>.

O anúncio tem uma prioridade permanente, na missão. No centro deste anúncio está a salvação em Jesus Cristo:

«A evangelização há-de conter também sempre, ao mesmo tempo como base, centro e ápice do seu dinamismo, uma proclamação clara que, em Jesus Cristo, Filho de Deus feito

---

<sup>212</sup> PAULUS PP. VI – *Evangelii Nuntiandi*, n° 26: AAS 68 (1976), 23.

<sup>213</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1843 – 1849*, Vol. 3, p. 1363.

<sup>214</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1843 – 1849*, Vol. 3, pp. 1515-1516.

<sup>215</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1849 – 1851*, Vol. 4, p. 1877.

<sup>216</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1833 – 1843*, Vol. 2, pp. 655-656.

<sup>217</sup> IGREJA CATÓLICA – *Concílio Ecuménico Vaticano II. Constituição Dogmática Lumen Gentium*, n° 11.

homem, morto e ressuscitado, a salvação é oferecida a todos os homens, como dom da graça e da misericórdia do mesmo Deus»<sup>218</sup>.

Portanto, uma presença simplesmente activa não basta. «A salvação, que Deus nos oferece, é obra da sua misericórdia. Não há acção humana, por melhor que seja, que nos faça merecer tão grande dom. Por pura graça, Deus atrai-nos para nos unir a si»<sup>219</sup>.

Tal anúncio «tem de se inserir no contexto vital do homem e dos povos que o recebem»<sup>220</sup>. O anúncio deve ser feito numa atitude humilde<sup>221</sup> e corajosa por quem o escuta. Nunca pode ser considerado um facto pessoal, mas sim feito em união com toda a comunidade eclesial: «nenhum evangelizador é o senhor absoluto da sua acção evangelizadora»<sup>222</sup>. Nunca poderá haver uma «evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o Reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem anunciados»<sup>223</sup>.

Em suma, este anúncio é animado pela fé que gera entusiasmo e ardor missionário. Além disto, «a fé nasce do anúncio, e cada comunidade eclesial consolida-se e vive da resposta pessoal de cada fiel a este anúncio»<sup>224</sup>. O Concílio Vaticano II refere:

«Sempre que Deus abre a porta da palavra para anunciar o mistério de Cristo a todos os homens, com confiança e constância seja anunciado o Deus vivo, e Aquele que Ele enviou para a salvação de todos, Jesus Cristo, para que os não cristãos, sob a inspiração interior do Espírito Santo, se convertam livremente à fé no Senhor, e adiram sinceramente Àquele que, sendo caminho, verdade e vida, cumula todas as suas esperanças espirituais, mais ainda, supera-as infinitamente»<sup>225</sup>.

---

<sup>218</sup> PAULUS PP. VI – *Evangelii Nuntiandi*, n° 27: AAS 68 (1976), 23-24.

<sup>219</sup> FRANCISCUS PP. – *Evangelii Gaudium*, n° 112: AAS 105 (2013), 1066.

<sup>220</sup> IOANNIS PAULI PP. II – *Redemptoris Missio*, n° 44: AAS 83 (1991), 290-291.

<sup>221</sup> Para Ana Maria Javouhey a humildade deveria ser a atitude predilecta: «Deus faz milagres espantosos a favor das irmãs de São José... que a humildade seja a nossa virtude predilecta» (*Ana Maria Javouhey. Correspondência 1849 – 1851*, Vol. 4, p. 1848).

<sup>222</sup> PAULUS PP. VI – *Evangelii Nuntiandi*, n° 60: AAS 68 (1976), 50-51.

<sup>223</sup> PAULUS PP. VI – *Evangelii Nuntiandi*, n° 22: AAS 68 (1976), 20.

<sup>224</sup> IOANNIS PAULI PP. II – *Redemptoris Missio*, n° 44: AAS 83 (1991), 290-291.

<sup>225</sup> IGREJA CATÓLICA – *Concílio Ecuménico Vaticano II. Decreto sobre a Actividade Missionária da Igreja Ad Gentes*, n°13.

### 2.3. A conversão

O objectivo da missão é a conversão, entendida como dom de Deus<sup>226</sup>. «O anúncio da Palavra de Deus visa a conversão cristã, isto é, a adesão plena e sincera a Cristo e ao seu Evangelho, mediante a fé»<sup>227</sup>.

Como tal, «o objectivo da evangelização é a fé como seguimento de Jesus e a conversão como aceitação do Seu Evangelho. Uma Igreja evangelizadora é uma Igreja em estado de conversão»<sup>228</sup>.

Todos estamos chamados à conversão. «Não podemos pregar a conversão, se nós mesmos não nos convertemos todos os dias»<sup>229</sup>. Ana Maria Javouhey, numa das suas cartas dirigida às irmãs, foca precisamente este aspecto:

«Se vos perguntasse porque quiseram partir para as colónias, todas me diriam: para trabalhar para a glória de Deus e fazer a sua vontade. Julgo que só estes motivos podem decidir semelhante vocação. Sim, foi este o motivo. Mas, queridas filhas, não poderão estes belos sentimentos desaparecer para dar lugar a outros bem opostos? Ponhamos a mão na consciência e talvez tenhamos de reconhecer que, muitas vezes, esquecemos esta bela e sublime vocação; que muitas vezes talvez tenhamos ocupado o lugar de Deus procurando o nosso prazer, a nossa satisfação. Talvez a nossa glória»<sup>230</sup>.

Devemos viver numa atitude de conversão permanente. Ana Javouhey convida as suas Irmãs ao discernimento e à conversão. Sublinha um desvio perigoso: “talvez tenhamos ocupado o lugar de Deus”. Evoca a este respeito as conveniências pessoais, as facilidades e, sobretudo, a vã glória. Assim, converter-se significa, muitas vezes, assumir uma nova forma de pensar e de agir, colocando Deus e a Sua vontade em primeiro lugar. Apesar disto, também pode comportar renúncias, libertando para uma vida mais bela, com um sentido pleno.

---

<sup>226</sup> «A graça do Espírito Santo procura despertar a fé, a conversão do coração e a adesão à vontade do Pai» (IGREJA CATÓLICA – *Catecismo da Igreja Católica*, nº 1098).

<sup>227</sup> IOANNIS PAULI PP. II – *Redemptoris Missio*, nº 46: AAS 83 (1991), 292-293.

<sup>228</sup> FLORISTÁN, Casiano – *Para compreender a Evangelização*, p. 50.

<sup>229</sup> IOANNIS PAULI PP. II – *Redemptoris Missio*, nº 47: AAS 83 (1991), 293-295.

<sup>230</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, p. 278.

## 2.4. A inculturação

A Igreja tem o dever de incarnar o Evangelho nas culturas dos povos. A inculturação «significa a íntima transformação dos valores culturais autênticos, pela sua integração no cristianismo, e o enraizamento do cristianismo nas várias culturas»<sup>231</sup>.

Com a inculturação, a Igreja, «torna-se sinal mais transparente daquilo que realmente ela é, e instrumento mais apto para a missão»<sup>232</sup>.

Convém salientar:

«A inculturação é caminho lento, que acompanha toda a vida missionária e que responsabiliza os vários agentes da missão *ad gentes*, as comunidades cristãs à medida que se vão desenvolvendo, e os Pastores que têm a responsabilidade de discernimento e de estímulo na sua realização»<sup>233</sup>.

É importante que os missionários aprendam a língua e os costumes da região onde trabalham, conheçam as expressões mais significativas da sua cultura<sup>234</sup>. Para uma verdadeira comunicação este aspecto é muito importante. A 28 de Outubro de 1849, Ana Javouhey, enviou uma carta à Irmã Madalena Collogne em Caiena, onde podemos ler o seguinte: «Espero que fique contente, mando-lhe as melhores irmãs do mundo para começar (...); Peço à querida irmã Maria que as faça trabalhar na adaptação aos costumes e da cultura da região»<sup>235</sup>.

Podemos ainda observar noutras cartas a importância que tem a inculturação em Ana Maria Javouhey. Numa carta enviada à madre Rosália Javouhey em Bourbon diz: «Faça projectos visando sempre o bem público, procure meios de estimular as obras; ausculte o espírito e a opinião locais; faça-se toda para todos para todos ganhar para Jesus Cristo»<sup>236</sup>. Ao Sr. Jubelin, governador da Guiana de 1835 a 1836, escreveu o seguinte: «homens que se obstinaram a viver como europeus, que temiam a mínima força de sofrimento, serão alguma vez capazes de colonizar? Não, e todos os sacrifícios que por eles se façam redundam em pura perda para o bem do país»<sup>237</sup>.

---

<sup>231</sup> IOANNIS PAULI PP. II – *Redemptoris Missio*, n° 52: AAS 83 (1991), 299-300.

<sup>232</sup> IOANNIS PAULI PP. II – *Redemptoris Missio*, n° 52: AAS 83 (1991), 299-300.

<sup>233</sup> IOANNIS PAULI PP. II – *Redemptoris Missio*, n° 52: AAS 83 (1991), 299-300.

<sup>234</sup> Cf. IOANNIS PAULI PP. II – *Vita Consecrata*, n° 79: AAS 88 (1996), 455.

<sup>235</sup> *Ana Maria Javouhey. Correspondência 1849– 1851*, Vol. 4, p. 1712.

<sup>236</sup> *Ana Maria Javouhey. Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, p. 372.

<sup>237</sup> *Ana Maria Javouhey. Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, p. 556.

Por fim, devemos destacar que a inculturação deve ser guiada por dois princípios fundamentais: «a compatibilidade com o Evangelho e a comunhão com a Igreja universal»<sup>238</sup>.

## 2.5. Diálogo inter-religioso

Para Ana Maria Javouhey o diálogo inter-religioso era muito importante na missão. Numa carta, faz uma descrição, talvez longa, sobre a abertura de espírito e de coração necessária para este diálogo. Falando dos trabalhadores muçulmanos no Senegal diz:

«Levam uma vida de algum modo semelhante à dos patriarcas do Antigo Testamento: guardam os rebanhos, dormem nas tendas em simples esteiras. Os seus acampamentos, vestuário, maneira de rezar, enfim tudo desperta a minha curiosidade e quase diria que me envergonha e me confunde. Algumas vezes dizem-me: ‘afinal qual é o Deus dos brancos? Eles nunca o invocam! Uma vez que tu rezas, porque é que não fazes *salam* connosco?’ Aproveito estas ocasiões para lhes falar da nossa religião. Imaginem que temos ao nosso serviço doze marabus. Pois estes homens não bebem vinho nem aguardente; levantam-se ao romper do dia para rezarem juntos antes de partir para o trabalho e, antes de rezar, lavam-se com água e areia; voltam do trabalho às onze horas, bem cansados, sem terem comido nada e, logo que chagam, começam imediatamente a rezar, extenuados como estão. Se alguma coisa lhes acontece: foi Deus que quis, não se queixam. Não têm nada de seu, partilham o seu pão com o próximo. Sim, repito, estes povos serão a condenação dos cristãos! A par disto há muitas ideias erradas, muito fanatismo entre eles, são de uma ignorância que faz dó. Mas fazem as coisas com tanta fé que não é fácil esclarecê-los; vão de superstição em superstição. Seriam precisos bons exemplos que os conduzissem suavemente à verdade. Há muitas capacidades nas crianças. É nelas que ponho a minha esperança, se Deus quiser servir-se de nós para tão grande missão»<sup>239</sup>.

Uma boa leitura deste testemunho pede alguns esclarecimentos. Quando Ana Javouhey chega ao Senegal em 1822, encontra colonos particularmente depravados. Ela constata nos europeus uma moral abominável e uma descrença completa, reforçada por um verdadeiro ódio contra a Igreja. Encontra estes colonos por toda a parte, mesmo nos hospitais que se esforça por organizar e humanizar:

---

<sup>238</sup> IOANNIS PAULI PP. II – *Redemptoris Missio*, n.º 54: AAS 83 (1991), 301-302.

<sup>239</sup> *Ana Maria Javouhey. Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, pp. 163-164.

«É preciso muita caridade para os tratar; a maior parte são pessoas bastante difíceis que não querem ouvir falar da religião, nem durante a vida nem à hora da morte (...) Gosto muito mais dos negros; são bons e simples; têm apenas a malícia que aprenderam de nós»<sup>240</sup>.

O comportamento dos muçulmanos fá-la reflectir. Ousa dizer que a piedade deles a humilha e a confunde. Verificamos, nela, o cuidado em dialogar com as pessoas sobre o essencial: a fé. Tratava-se dum verdadeiro diálogo inter-religioso.

Tal como no tempo de Ana Maria Javouhey, também hoje o diálogo inter-religioso é importante na missão evangelizadora da Igreja, não estando em contraposição com a missão *ad gentes*. Na verdade, o diálogo é hoje mais urgente que nunca. Contudo, «não nasce de táticas ou de interesses, mas é uma actividade que apresenta motivações, exigências, dignidade própria: é exigido pelo profundo respeito por tudo o que o Espírito, que sopra onde quer, operou em cada homem»<sup>241</sup>.

«O cristão empenhado no diálogo não pode esquecer que todos os homens são objecto do amor salvífico de Deus, que todos estão sob o influxo do Verbo criador e redentor»<sup>242</sup>.

Assim, «o diálogo deve ser conduzido e realizado com a convicção de que a Igreja é o caminho normal de salvação e que só ela possui a plenitude dos meios de salvação»<sup>243</sup>. Dialogar não deve significar ceder ao relativismo. Não podemos considerar verdade que uma religião valha tanto como outra. Como tal, devemos ter sempre em consideração que «a Igreja foi querida por Deus e instituída por Cristo para ser, na plenitude dos tempos, sinal e instrumento do plano divino de salvação, cujo centro é o mistério de Cristo. Ela é o sacramento universal de salvação e é necessária para a salvação»<sup>244</sup>.

Este diálogo apresenta-nos a todos um grande desafio:

«A razão fundamental do empenho da Igreja no diálogo não é meramente de natureza antropológica, mas principalmente teológica. Deus, num diálogo que dura ao longo dos

---

<sup>240</sup> Ana Maria Javouhey. *Correspondência 1798 – 1833*, Vol. 1, p. 148.

<sup>241</sup> IOANNIS PAULI PP. II – *Redemptoris Missio*, n° 56: AAS 83 (1991), 304.

<sup>242</sup> MARTINS, José Saraiva – *Ide e Anunciai. Fundamentos e desafios da missão hoje*, p. 287.

<sup>243</sup> IOANNIS PAULI PP. II – *Redemptoris Missio*, n° 55: AAS 83 (1991), 302-303.

<sup>244</sup> A PONTIFICIO CONSILIO PRO DIALOGO INTER RELIGIONES ET A CONGREGATIONE PRO GENTIUM EVANGELIZATIONE PROPOSITA – *Dialogo e annuncio*, n° 33: AAS 84 (1992), 425.

tempos, ofereceu e continua a oferecer a salvação à humanidade. Para ser fiel à iniciativa divina, a Igreja deve, pois, entrar num diálogo de salvação com todos»<sup>245</sup>.

Para finalizar, existe um conjunto de disposições para o diálogo inter-religioso: o diálogo exige equilíbrio; convicção religiosa; abertura à verdade<sup>246</sup>. Note-se que muitas dificuldades que surgem para este diálogo são, principalmente, devido a diversos factores humanos.

## **Conclusão**

Concluindo, realçámos neste capítulo a importância do carisma de Ana Maria Javouhey na vida da Igreja. Os carismas são graças dadas para o bem da Igreja, dom do Espírito Santo. Ana Javouhey deu à sua família religiosa uma orientação essencialmente missionária: um carisma missionário. Este seu carisma dificilmente a levava a viver sozinha, ou seja, tinha uma finalidade comunitária.

Ao reflectirmos sobre o carisma de Ana Javouhey é inevitável não referir alguns dos temas centrais e actuais da missiologia. Assim, destacam-se alguns caminhos possíveis e necessários da missão: o testemunho, o anúncio, a conversão, a inculturação e o diálogo inter-religioso.

Em suma, os desafios da espiritualidade e do carisma de Ana Maria Javouhey são um contributo para a vivência da Nova Evangelização.

---

<sup>245</sup> A PONTIFICIO CONSILIO PRO DIALOGO INTER RELIGIONES ET A CONGREGATIONE PRO GENTIUM EVANGELIZATIONE PROPOSITA – *Dialogo e annuncio*, nº 38: AAS 84 (1992), 427.

<sup>246</sup> Cf. IOANNIS PAULI PP. II – *Vita Consecrata*, nº 102: AAS 88 (1996), 478.

## Conclusão

A época em que viveu Ana Maria Javouhey foi bastante conturbada no início, por um confronto com a Igreja e Estado. A Revolução Francesa marcou profundamente a infância de Ana Javouhey. Ao longo do século XVIII, em França, foram-se verificando alguns sinais de crise, como o declínio cada vez mais evidente do espírito religioso do clero paroquial e a crise interna que atingia globalmente os religiosos. Com a Revolução Francesa dissolveram-se todas as ordens e congregações religiosas. Surge uma forte perseguição à Igreja. No fundo, as realidades humanas perderam as raízes cristãs, não havendo espaço para a fé.

Depois deste período, houve uma tentativa de restauração, onde a acção missionária *ad gentes* ganhou um relevo muito grande e surgiram muitos institutos religiosos de vida activa. Ao nível da espiritualidade houve um aumento do sentimentalismo e duma grande devoção popular. No fundo, desenvolveu-se uma mística e santidade que se realizavam muito mais na acção, nas obras e na vida, do que na contemplação.

Ana Javouhey, pelo seu testemunho de vida, foi um grande exemplo de disponibilidade para o serviço e de aniquilamento de si a favor dos mais pobres, dos mais necessitados, na ajuda às crianças, a cuidar dos doentes e a libertar os escravos. A grandeza de Ana Javouhey brotava da sua vida de fé e dum coração sem fronteiras, evangelizando inúmeros povos longínquos. De facto, depois de ter lido muitas das suas cartas admiramos o seu acolhimento à santa vontade de Deus. Na vida desta serva de Deus, torna-se mais claro e belo o Evangelho de Jesus.

Ana Maria Javouhey tinha uma fé esclarecida e profunda, levando-a a ver sempre Deus como princípio e fim de todas as coisas. Como tal, insistia na importância da oração.

No que se refere à sua espiritualidade, a conclusão óbvia que se chega é que a Beata Ana Maria Javouhey é profundamente marcada pelo ambiente de restauração religiosa da França no século XIX. Ana Javouhey soube viver, antecipando de certo modo, o que mais tarde diria o Concílio Vaticano II, o apelo universal à santidade.

O seu carisma missionário desafia-nos a anunciar com fervor e determinação Jesus Cristo a todos os povos. A acção missionária de Ana Maria Javouhey estava impregnada pelo zelo da salvação das almas. O importante seria atrair todos para Jesus Cristo.

Esperamos que a irradiação da Bem-aventurada Ana Maria Javouhey se difunda e contribua para a evangelização do nosso mundo. As mulheres e os homens do nosso

tempo têm necessidade de conhecer a boa notícia da salvação que é Jesus Cristo. Ana Maria Javouhey, com a sua forma de viver, manifestou a ternura e a bondade de Deus, a verdade da esperança na vida eterna, a força e a eficácia do amor que Deus põe nos nossos corações.

Este trabalho permitiu-nos desenvolver, aprofundar e concretizar um estudo sobre a espiritualidade e actualidade do carisma de Ana Maria Javouhey. Num tempo em que se reflecte tanto sobre a evangelização no nosso mundo, verificamos, a importância que tem a vida consagrada na Igreja para a mesma. Ana Maria Javouhey foi figura importante no seu tempo, exemplo para os evangelizadores de hoje e modelo de renovação da vida consagrada. O Espírito Santo nunca deixará de conduzir a Igreja com novas e antigas formas de inesgotável santidade.

## **Bibliografia**

### **1. Fontes**

ANA MARIA JAVOUHEY – *Correspondência 1798 – 1833*, Vol. I.

ANA MARIA JAVOUHEY – *Correspondência 1833 – 1843*, Vol. II.

ANA MARIA JAVOUHEY – *Correspondência 1843 – 1849*, Vol. III.

ANA MARIA JAVOUHEY – *Correspondência 1849 – 1851*, Vol. IV.

### **2. Estudos sobre a Beata Ana Maria Javouhey**

*Ana Maria Javouhey. Uma Mulher livre*. Fátima: Província Portuguesa da Congregação de S. José de Cluny, 1995.

*Anais Históricos da Congregação de São José de Cluny*, Vol. 1.

*Anais Históricos da Congregação de São José de Cluny*, Vol. 2.

AUDUC, George – *Ana Maria Javouhey. Um coração sem fronteiras*. Fátima: Província Portuguesa da Congregação de São José de Cluny, 2012.

GERARD, Soeur Marie Suzel – *Um caminho de santidade na Igreja. A Espiritualidade de Ana Maria Javouhey*. Fátima: Província Portuguesa da Congregação de São José de Cluny, 2006.

LE GOLF, Soeur Yves - *O Conflito de Autun 1835 – 1851*. Congregação de São José de Cluny, 1989.

MERLAUD, André – *Génio e Audácia. Ana Maria Javouhey. Vida e obra de uma grande Missionária*. Braga: Editorial A. O., 2009.

*Recordar é viver. Factos da Beatificação de Ana Maria Javouhey*. Coimbra: Província Portuguesa da Congregação de São José de Cluny, 2011.

### **3. Estudos diversos**

#### **3.1. Documentos do Magistério da Igreja**

A PONTIFICIO CONSIGLIO PRO DIALOGO INTER RELIGIONES ET A CONGREGATIONE PRO GENTIUM EVANGELIZATIONE PROPOSITA – *Dialogo e annuncio*, in AAS 84 (1992), 414-446.

FRANCISCUS PP. – *Evangelii Gaudium*, in AAS 105 (2013: 12), 1019-1137.

IGREJA CATÓLICA – *Catecismo da Igreja Católica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1999.

IGREJA CATÓLICA – *Concílio Ecuménico Vaticano II. Documentos Conciliares e Pontíficos*. Braga: Editorial A. O., 1992.

IOANNIS PAULI PP. II – *Redemptoris Missio*, in AAS 83 (1991), 249-340.

IOANNIS PAULI PP. II – *Vita Consecrata*, in AAS 88 (1996), 377-486.

PAULUS PP. VI – *Evangelii Nuntiandi*, in AAS 68 (1976), 5-76.

### 3.2. Outros estudos

ALMEIDA, Fortunato de – *História da Igreja em Portugal*. Porto: Livraria civilização, [1970], vol. 3, pp. 160-163.

ALVES, Henrique – *Um Judeu... Salvador da raça preta*. Viana do Castelo: Edição de Entre Nós, 1939.

AUBERT, Roger – Gregorio XVI, in *Manual de historia de la Iglesia. La Iglesia entre la Revolución y la Restauración*, VII, dir. Hubert Jedin - Barcelona: Editorial Herder, 1978, pp. 421-431.

AUBERT, Roger – La pervivencia del liberalismo católico en Europa Occidental, in *Manual de historia de la Iglesia. La Iglesia entre la Revolución y la Restauración*, VII, dir. Hubert Jedin - Barcelona: Editorial Herder, 1978, pp. 467-492.

AUBERT, Roger – Repercusión de los sucesos de 1848 en Francia, in *Manual de historia de la Iglesia. La Iglesia entre la Revolución y la Restauración*, VII, dir. Hubert Jedin - Barcelona: Editorial Herder, 1978, pp. 640-646.

BETTENCOURT, Estêvão – Carismas. In *Enciclopedia Teológica Sacramentum Mundi*. Barcelona: Editorial Herder, 1972, t. 1, col. 669-672.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA – *A Verdade vos tornará livres. Catecismo para adultos*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1995.

FERNANDES, Fidel González – L' attività missionaria in Africa tra Ottocento e Novecento, in *Il cammino dell' Evangelizzazione. Problemi storiografici*, dir. Giacomo Martina – Ugo Dovere, Bologna: Il Molinu, 2001, pp. 209-261.

FISICHELLA, Rino – *A Nova Evangelização. Um desafio para sair da indiferença*. Lisboa: Paulus Editora, 2012.

FLORISTÁN, Casiano – *Para compreender a Evangelização*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, [s.d.].

HAZARD, Paul – *La Crise de la Conscience Européenne (1680 – 1715)*. Paris: Boivin, 1935.

MAROTO, Daniel de Pablo – *El camino Cristiano. Manual de Teología Espiritual*. Salamanca: Publicaciones universidad Pontificia, 1996.

MAROTO, Daniel de Pablo – *Historia de la Espiritualidad*. Madrid: Instituto de Espiritualidad a distancia agregado al Teresianum de Roma, vol. 10, 1986.

MARTINA, Giacomo – *História da Igreja de Lutero a nossos dias. A era do absolutismo*. São Paulo: Loyola, vol. II, 1996.

MARTINA, Giacomo – *História da Igreja de Lutero a nossos dias. A era do liberalismo*. São Paulo: Loyola, vol. III, 1996.

MARTINS, José Saraiva – *Ide e Anunciai. Fundamentos e desafios da missão hoje*. Lisboa: Paulus, 2008.

RUIZ, F. – Carisma. In *Diccionario de Espiritualidad*. Dir. Ermanno Ancill - Barcelona: Editorial Herder, 1983, t. 1, pp. 329-331.

SANCHES, Acácio – *O carácter simbólico da vida consagrada. Aurora do Terceiro Milénio*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, [s. d.].

SEIXAS, Joaquim Ramos – *Francisco Libermann. La fecundidad de un gran sacrificio*. Madrid: Congregacion del Espiritu Santo, Tomo V, 2003.

TOURAUULT, Philippe – *História concisa da Igreja*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1996.

VERDETE, Carlos – *História da Igreja Católica. Do Cisma do Oriente (1054) até ao fim do século XIX*. Lisboa: Paulus, vol. 2, 2009.

## **Anexo I – Principais fundações feitas por Ana Maria Javouhey<sup>247</sup>**

Na Europa<sup>248</sup>:

- 1804 – Chamblanc
- 1805 – Chalon – sur – Saône
- 1812 – Cluny
- 1823 – Senlis
- 1825 – Sain-Yon
- 1826 – Paris; Beauvais; Fontainebleau; Limoux
- 1828 – Alençon
- 1834 – Saint – Affrique
- 1844 – Maisons – Alfort
- 1845 - Le Mesnil Saint Firmin

Em África:

- 1817 – Bourbon
- 1819 – Senegal
- 1822 – Gâmbia e Serra Leoa
- 1845 – Pequenas ilhas de Madagascar
- 1846 – Santa Maria de Madagascar (Mayotte)
- 1848 – Nosy Be

Na América:

- 1822 – Guiana – Guadalupe
- 1824 – Martinica
- 1826 – Saint Pierre e Miquelon
- 1836 – Trindade

---

<sup>247</sup> *Ana Maria Javouhey. Uma Mulher livre*, p. 55.

<sup>248</sup> As irmãs de São José de Cluny só vieram para Portugal no ano de 1881. Note-se que Ana Maria Javouhey morreu no ano de 1851. «Em 1881 procurou o governo português os serviços de algumas irmãs de São José de Cluny para as missões ultramarinas, onde já trabalhavam os padres do Espírito Santo. Após diligências feitas directamente em Paris pela Marquesa de Monfalim e de Terena e pelo Dr. Fernando Pedroso, a Madre enviou a Portugal, para princípio da acção apostólica, a Madre Maria da Natividade com algumas religiosas de notável zelo. Chegadas a Lisboa em Outubro de 1881, hospedaram-se no convento das irmãs de S. Vicente de Paulo, em Lisboa, depois no convento das dominicanas, em Benfica, enquanto não alcançavam casa própria» (ALMEIDA, Fortunato de – *História da Igreja em Portugal*. Porto: Livraria civilização, [1970], vol. 3, p. 160).

Na Ásia:

1827 – Pondichery (Índia)

1844 – Karikal

Na Oceania:

1844 – Ilhas Marquesas (Thaiti)

## Índice

Introdução.....	2
Capítulo I	
Breve abordagem histórica e biografia de Ana Maria Javouhey.....	4
1. Breve abordagem histórica.....	4
1.1. O Iluminismo.....	4
1.2. A influência da Revolução Francesa.....	5
1.3. Século XIX: um século espiritualmente rico.....	6
1.4. A influência das revoluções de 1830 e 1848.....	9
2. Biografia de Ana Maria Javouhey.....	12
2.1. Os primeiros anos, em Chamblanc.....	12
2.2. As lutas pela vocação.....	13
2.3. O início da Congregação.....	17
2.4. As viagens missionárias.....	18
2.5. O conflito de Autun.....	21
2.6. A importância do Padre Libermann na obra de Ana Javouhey.....	23
2.7. Paciência e firmeza.....	24
2.8. Morte e Beatificação de Ana Maria Javouhey.....	25
Conclusão.....	25
Capítulo II	
Espiritualidade e Apostolicidade da Beata Ana Maria Javouhey.....	27
1. Espiritualidade de Ana Maria Javouhey.....	27
1.1. A Fé.....	27
1.2. Fidelidade à santa vontade de Deus.....	29
1.3. O dom do perdão.....	31
1.4. A oração.....	33
1.5. Apelo à Santidade.....	36
1.6. Um coração que amava o Amor.....	38
2. Perfil apostólico de Ana Maria Javouhey.....	42
2.1. A importância do testemunho.....	42
2.2. A pobreza.....	45
2.3. A alegria.....	47
Conclusão.....	48

### Capítulo III

A actualidade do carisma de Ana Maria Javouhey .....	50
1. Um carisma missionário .....	50
1.1. Uma finalidade comunitária.....	54
1.2. A missão .....	56
2. Os caminhos da missão .....	61
2.1. Primeira forma de evangelização: o testemunho .....	62
2.2. O anúncio.....	64
2.3. A conversão .....	66
2.4. A inculturação.....	67
2.5. Diálogo inter-religioso.....	68
Conclusão .....	70
Conclusão .....	71
Bibliografia.....	73
Anexo I: Principais fundações feitas por Ana Maria Javouhey.....	76